



UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE

Faculdade de Letras e Ciências Sociais

Departamento de Ciência Política e Administração Pública

Licenciatura em Ciência Política

PEDRO DE ALMEIDA NHATSAVE

SUPERVISOR: PROFESSOR DOUTOR DOMINGOS MANUEL DO ROSÁRIO

*O ELEITORADO DA CIDADE DA BEIRA E À OPOSIÇÃO: um estudo sócio-histórico do
voto aos partidos da oposição (RENAMO e MDM).
Das Eleições Locais de 2003 às Eleições Locais de 2013*

Maputo, Junho de 2015

***O ELEITORADO DA CIDADE DA BEIRA E À OPOSIÇÃO: um estudo sócio-histórico do voto aos partidos da oposição (RENAMO e MDM).
Das eleições locais de 2003 às eleições locais de 2013***

Trabalho de Fim de Curso apresentado em cumprimento dos requisitos exigidos para obtenção do grau de Licenciatura em Ciência Política, na Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane.

Autor

Júri

Presidente do Júri

Supervisor

Oponente

Maputo, Junho de 2015

ÍNDICE

DECLARAÇÃO DE HONRA	iii
DEDICATÓRIA	iv
AGRADECIMENTOS	v
LISTA DE ABREVIATURAS	vii
ÍNDICE DE TABELAS E GRÁFICOS	ix
RESUMO	x
PARTE I	4
1. INTRODUÇÃO	4
1.1 Delimitação do Tema.....	4
1.2 OBJECTIVOS	4
1.2.1 Objectivo Geral	4
1.2.2 Objectivos Específicos	4
1.3 Justificativa	5
1.4 CONTEXTUALIZAÇÃO	6
1.5 PROBLEMATIZAÇÃO	16
1.5.1 Pergunta de Partida	19
1.6 MODELO DE ANÁLISE	19
1.6.1 Hipótese	19
1.6.2 Variáveis	19
1.6.3 Conceitos	20
1.6.4 Enquadramento Teórico	22
1.6.4.1 Path Dependence	22
1.6.4.2 Traumatismo Histórico	26
1.7 Metodologia	28
1.7.1 Limitações da Pesquisa	30

PARTE II	32
2. ANÁLISE DO OBJECTO DE ESTUDO	32
2.1 HERANÇA SÓCIO-HISTÓRICA, EXCLUSÃO E MARGINALIZAÇÃO COMO FACTORES EXPLICATIVOS DO VOTO NA BEIRA.....	35
2.2 LIGAÇÃO HISTÓRICA ENTRE OS PARTIDOS DA OPOSIÇÃO (RENAMO E MDM) E SUA INFLUÊNCIA NO COMPORTAMENTO ELEITORAL NA CIDADE DA BEIRA	49
2.3 SANÇÃO OU PROTESTO AO PARTIDO FRELIMO COMO FACTOR EXPLICATIVO DO VOTO NA CIDADE DA BEIRA	52
2.4 ABSTENÇÃO ELEITORAL E A SUA VINCULAÇÃO COM A VOTAÇÃO AOS PARTIDOS DA OPOSIÇÃO NAS ELEIÇÕES AUTÁRQUICAS NO MUNICÍPIO DA BEIRA: 1998 À 2013	56
2.5 TENDÊNCIAS DE VOTO NAS ELEIÇÕES GERAIS DE 2014 NO MUNICÍPIO DA BEIRA	59
PARTE III	66
3. CONCLUSÃO	66
3.1 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	69
3.2 ANEXOS	74

DECLARAÇÃO DE HONRA

Declaro por minha honra que este trabalho de fim de curso nunca foi apresentado na sua essência para obtenção de qualquer grau acadêmico e que ele é fruto da minha investigação pessoal, estando citadas no texto e na referência bibliográfica as fontes que utilizei para a sua materialização.

O Licenciando

Pedro de Almeida Nhatsave

Maputo, Junho de 2015

DEDICATÓRIA

Ao meu falecido pai, Almeida Fernando Nhatsave, e as três mulheres da minha vida: minha mãe, Sandra Nhaca, as minhas avós Glória Camela e Rita Machute.

Vocês são a minha fonte de existência, como também são e sempre serão a minha fonte de inspiração e exemplos a seguir.

AGRADECIMENTOS

Não só pelo trabalho, mas também pela longa caminhada, força dada e confiança, há que agradecer os que estiveram sempre ao meu lado.

Agradeço a Deus pelo sustento espiritual, sem o qual seria quase impossível trilhar os caminhos do mundo da sapiência.

Incansáveis agradecimentos são dedicados ao meu supervisor Professor Doutor Domingos Manuel do Rosário, por me ter orientado para materialização deste trabalho, que para mim muitas vezes pareceu uma miragem. Pelos puxões de orelha dados, pela correção rigorosa, e acima de tudo por ter acreditado que seria possível orientar-me para realização do trabalho.

Agradecimentos imensos são direcionados ao MA. Egídio Guambe. Pela paciência, correções feitas, opiniões deixadas e acima de tudo pelas dicas e paciência, o meu muito obrigado.

Os agradecimentos são extensivos ao corpo docente do Departamento de Ciência Política e Administração Pública, particularmente para o PhD José Jaime, MA. Padil Salimo, PhD João Pereira, PhD Sérgio Chichava, PhD Amílcar Pereira, dr Jaime Guiliche, e dr Elísio Muendane, pelo profissionalismo, isenção, ensinamentos, confiança e oportunidade para aprender.

Agradecimentos profundos vão também para toda a minha família, em particular ao meu irmão Fernandes Sebastião de Almeida, aos “*Habbales*” (As Tias: Manuela, Domingas, Helena, Natacha, Carla; e aos tios: Nelson, Plínio, Pene, Emílio, e Fernando). Obrigado pelo encorajamento, pela transmissão de experiência, e pela confiança que em mim depositaram.

Aos meus eternos companheiros (as) Faira, Nélio (Mulato), Edson (Sonito), Sanito, Isaías (Day), Mauro, Chimundo, Bárbara, Deolinda e Caera. Pela força, e por se terem feito presente e prestarem ajuda em todos os momentos que necessitei, muito obrigado.

A todos os meus colegas da turma de Ciência Política (2011), em particular à Namunaua, Namachulua (Magnífica), Cebola, Denóvio; e especial aos meus “*Trutas*” Boss Amade, Patrão Satardine, ao “truta” Redondo, por me aturarem, ajudarem, e me darem ensinamentos e lição de moral em todos os momentos. Saibam que carregar-vos-ei sempre na mente e no coração.

Agradecimentos também são direccionados aos partidos políticos e aos cidadãos beirenses, em particular à RENAMO, MDM, e todos os cidadãos da cidade que permitiram que colhêssemos as suas opiniões mesmo sem estarmos devidamente credenciados. Muito obrigado pela vossa disponibilidade, participação e compreensão, pois sem a vossa compreensão não seria possível materializar a pesquisa.

A todos que directa ou indirectamente ajudaram para a efectivação deste trabalho, vai o meu muito obrigado.

LISTA DE ABREVIATURAS

CNE	Comissão Nacional de Eleições
COREMO	Comité Revolucionário de Moçambique
FICO	Frente Nacional de Convergência Ocidental
FRECOMO	Frente Comum de Moçambique
FRELIMO	Frente de Libertação de Moçambique
GRM	Grupo de Reflexão e Mudança
GUMO	Grupo Unido de Moçambique
INE	Instituto Nacional de Estatística
MANU	Mozambique African National Union
MDM	Movimento dos Democráticos de Moçambique
MDM	Movimento Democrático de Moçambique
MMM	Movimento Moderado Moçambicano
MONA	Movimento Nacional Africano
MONAUMO	Movimento Nacional Unificado de Moçambique
MONIPAMO	Movimento Nacional pela Independência de Moçambique
PCN	Partido de Coligação Nacional
RAU	Reforma Administrativa Ultramarina
RENAMO	Resistência Nacional de Moçambique

STAE

Secretariado Técnico de Administração
Eleitoral

UDENAMO

União Democrática Nacional de
Moçambique

UNAMI

União Africana de Moçambique
Independente

UNIPOMO

União por um país do Povo Moçambicano

ÍNDICE DE TABELAS E GRÁFICOS

Tabela 1: Resultados das Eleições Autárquicas da Beira.....	18
Figura 1: Variáveis.....	19
Gráfico 1: Abstenção Eleitoral e Votação nos Partidos da Oposição nas Eleições Autárquicas no Município da Beira.....	56
Tabela 2: Resultados das Eleições Gerais (2014) no Município da Beira	60
Tabela 3: Lista dos Entrevistados	75

RESUMO

Com o principal objectivo de analisar os factores que explicam o comportamento e as tendências de voto pró partidos e candidatos da oposição no Município da Beira, o presente estudo circunscreveu-se numa abordagem sócio-histórica. Para esta análise, tomou-se em consideração o período eleitoral em que os partidos e candidatos da oposição vêm dirigindo a autarquia da Beira, entre 2003 à 2013. O problema que se levanta, é que diferentemente dos restantes municípios onde o partido incumbente (FRELIMO) perdeu as eleições para a oposição e posteriormente conseguiu reverter o cenário (através de diferentes mecanismos), no Município da Beira, parece tornarem-se ínfimas as possibilidades de reversão da situação, pois de eleição em eleição a escolha nos partidos e candidatos da oposição vem se fortificando com uma diferença cada vez mais acentuada. Os dados que compõem esta análise foram colectados a partir de uma triangulação metodológica, composta pelas entrevistas semi-estruturadas, complementadas pela pesquisa documental e bibliográfica. Através dos dados colhidos, o presente trabalho evidenciou que o comportamento eleitoral dos cidadãos beirenses é influenciado por um lado pelos factores de natureza sócio-histórica localizados no processo de construção do Estado, e por outro lado, pelo actual modelo de construção do Estado (exclusivista; arrogante; clientelista e patrimonialista) adoptada pela FRELIMO.

Palavras-chave: Município da Beira, Comportamento Eleitoral, Voto Persistente, Eleições Autárquicas, Partidos Políticos, RENAMO, MDM, FRELIMO.

PARTE I

1. INTRODUÇÃO

Nas democracias contemporâneas, as bases legais de exercício do poder encontram-se alicerçados em princípios legais e legítimos, e o fio condutor da maioria destas democracias é a representação dos indivíduos e dos seus interesses; desta forma, os governantes são tidos como mandatários do povo, e por seu turno, o povo é tido como mandante. Desta forma, a base para a aquisição, exercício e permanência no poder por parte dos governantes (mandatários) são os votos dos cidadãos, e é mesmo por isso que os candidatos e as organizações partidárias enfrentam-se de modo a conquistar a simpatia da maioria do eleitorado. Nestas democracias onde o voto do indivíduo é relevante para a aquisição do poder por parte dos governantes e partidos políticos, torna-se pertinente discutir as condições em que são processadas as escolhas destes indivíduos e quais os motivos que os levam a votar no partido *Y* em detrimento do partido *X*. Assim sendo, ganha relevância no mundo da Ciência Política a discussão em torno do voto e do comportamento eleitoral dos indivíduos.

Em Moçambique, a Constituição de 1990 e a assinatura dos Acordos Gerais de Paz de 1992 marcaram, ao menos formalmente, a introdução e adopção deste tipo de regime político (Democrático), o que tornaria o país em um Estado Democrático e de Direito, onde o povo passaria a ser o principal actor na vida política e na legitimação de qualquer força política que ascendesse ao poder por meio das eleições. Assim sendo, as organizações partidárias passariam a desenvolver as suas acções tendo em conta as expectativas dos cidadãos.

Como efeito da adopção do regime democrático, o país testemunhou até então a realização de cinco eleições gerais (1994, 1999, 2004, 2009, e 2014), e quatro eleições autárquicas (1998, 2003, 2008, e 2013). O presente trabalho focaliza as suas atenções no contexto autárquico, pois as autarquias vêm sendo o único campo em que a oposição vem ganhando algum espaço, tornando-se desta forma a principal arena de confrontação directa entre o partido incumbente (FRELIMO) e os partidos da oposição (principalmente a RENAMO e MDM).

Pretende-se com o presente trabalho reflectir sobre a *persistência do voto do eleitorado do Município da Beira aos partidos e candidatos da oposição (RENAMO e MDM)*¹, pois, desde que o partido FRELIMO venceu as eleições autárquicas de 1998, ele não consegue reconquistar aquele território autárquico desde as segundas eleições autárquicas realizadas em 2003 (nas quais perdeu em favor do partido RENAMO), o que faz com que aquela autarquia vire um dos centros das contradições entre a FRELIMO e os partidos da oposição (RENAMO e MDM). Ou seja, pretende-se compreender o comportamento político do eleitorado do Município da Beira, um comportamento que pode ser considerado “*atípico*” de muitos municípios existentes em Moçambique, na medida em que o partido no poder a nível central (FRELIMO) é o partido na oposição naquele município.² Diferentemente de vários municípios onde o partido no governo central tornou-se oposição e posteriormente reverteu a situação³, no Município da Beira, o partido no governo a nível central é oposição desde a realização das eleições autárquicas de 2003, e parece, se tornarem mínimas as oportunidades de uma reversão da situação⁴.

Deste modo, pretende-se com este trabalho analisar as motivações que influem a escolha persistente dos eleitores aos partidos e candidatos da oposição (RENAMO e MDM), rejeitando desta forma a FRELIMO. Para o efeito, a lei geral que orientou a pesquisa partiu do princípio segundo o qual, *a explicação e fundamentação do voto persistente por parte dos eleitores aos partidos e candidatos da oposição no Município da Beira, encontram-se no processo sócio-histórico de construção do Estado Moçambicano.*

Para a sua melhor percepção, o trabalho foi estruturado da seguinte maneira: A primeira parte dedica-se a apresentação geral do tema, contextualização e a sua problematização, que é seguido pela pergunta de partida e pela apresentação do modelo de análise, composto pela hipótese donde

¹ Os partidos da oposição referenciados no tema e no estudo, são aqueles que são oposição no nível macro do sistema político do país (RENAMO e MDM). Mas no nível micro (Município da Beira), a FRELIMO é que é oposição. Portanto, a oposição referenciada no tema ajusta-se ao nível macro da governação moçambicana.

² A mesma tendência se tem verificado no Município de Quelimane (Zambézia), onde o partido no comando ao nível central tornou-se oposição e perdeu a presidência da autarquia, para o candidato do MDM (Manuel de Araújo) no decorrer das eleições intercalares de 2011 e esta tendência voltou a confirmar-se em 2013.

³ A RENAMO o maior partido da oposição em Moçambique, conquistou os Municípios de Angoche, Nacala-Porto, Ilha de Moçambique e Beira nas eleições de 2003 (Ver rodapé 7). As eleições autárquicas de 2008 marcaram o regresso do status quo no xadrez político moçambicano, pois a FRELIMO reconquistou os municípios sob tutela da RENAMO, excepto o Município da Beira onde teve apenas maioria na Assembleia Municipal, tendo o seu candidato perdido a favor de Daviz Simango um candidato independente. Ver mais detalhes nos próximos capítulos deste trabalho.

⁴ Portanto, entende-se por Persistência, a tendência constante e insistente de votar nos partidos da oposição mesmo perante resultados desanimadores do desempenho destes partidos

são retiradas as variáveis; pelos conceitos, e pelo enquadramento teórico, onde são trazidas as abordagens teóricas sobre as quais o presente trabalho foi desenvolvido e materializado.

Ainda na primeira parte do trabalho, apresenta-se cuidadosamente a metodologia usada para a elaboração do trabalho, onde são detalhados os principais métodos e técnicas que foram empregadas para a sua materialização.

A segunda parte do presente trabalho, sujeita-se a apresentação, análise e interpretação dos resultados da pesquisa. É apresentado primeiramente uma análise do objecto do estudo do trabalho, que é posteriormente seguido pela apresentação e discussão dos factores de natureza sócio-histórica que influenciam o comportamento eleitoral naquela autarquia (Beira). Discute-se também nesta parte do trabalho, o processo de identificação partidária que remonta da génese da RENAMO e do MDM, e a sua influência no voto contra a FRELIMO; como também discute-se os factores vinculados a governação da FRELIMO a nível macro e micro, que servem de incentivo para que os cidadãos da Cidade da Beira⁵, tendam a votar a favor da RENAMO e MDM de forma persistente.

O outro ponto de discussão na segunda parte é a abstenção eleitoral e a sua vinculação com a votação na RENAMO e no MDM. E por fim, faz-se uma breve discussão das tendências de voto nas últimas Eleições Gerais (2014) na Cidade da Beira, onde são trazidas as possíveis explicações da reconquista da hegemonia da RENAMO, como também as possíveis explicações da perda do MDM para a RENAMO e a FRELIMO na sua área de jurisdição.

Na terceira e última parte do trabalho são apresentadas as principais conclusões do trabalho, e segue-se a apresentação das referências bibliográficas usadas para a efectivação do trabalho, e por fim a lista de anexos.

⁵ Actualmente o território do Município e da Cidade da Beira coincidem, daí que, na descrição, refere-se a estes de forma indistinta.

1.1 Delimitação do Tema

O presente trabalho circunscreve-se na análise dos factores que influenciam o voto a nível local na Cidade da Beira, Província de Sofala, no período compreendido entre a realização das segundas eleições autárquicas, em 2003, às últimas eleições em 2013. Apesar do foco delimitado ser as eleições autárquicas, o trabalho abrange de forma breve 2014, pois em termos de conteúdo, traz-se uma abordagem não acabada sobre as tendências de voto nas últimas eleições gerais. A circunscrição da maior parte do trabalho no contexto autárquico deve-se ao facto de a Cidade da Beira ter sido a única autarquia que passou para a oposição em 2003, depois de nas primeiras eleições autárquicas de 1998, com suas particularidades, a FRELIMO ter ficado vitoriosa, e que este último não conseguiu reconquistar nas eleições autárquicas de 2008 e seguintes. Ademais, deve-se também à forma como as escolhas eleitorais são processadas neste município (crescente tendência de voto aos partidos da oposição).

1.2 OBJECTIVOS

1.2.1 Objectivo Geral

O objectivo geral do presente estudo, é analisar e compreender os aspectos sócio-histórico do voto e do comportamento do eleitorado no Município da Beira.

1.2.2 Objectivos Específicos

- Identificar as características do eleitorado do município da Beira que possibilitem a compreensão do seu comportamento eleitoral;
- Descrever os factores explicativos da lealdade do voto do eleitorado do município da Beira aos partidos da oposição (RENAMO e MDM);
- Interpretar a relação daquele eleitorado com o partido no poder (FRELIMO), e com os partidos da oposição, especificamente a RENAMO e MDM.

1.3 Justificativa

O propósito de qualquer estudo que visa aprofundar o conhecimento sobre as decisões dos eleitores nos pleitos eleitorais, envolve a compreensão das causas fundamentais da escolha destes eleitores a um partido em detrimento do outro.

As causas fundamentais do comportamento eleitoral na Cidade/ Município da Beira, não têm recebido muita atenção no seio dos estudiosos actuais de Moçambique. Os estudos realizados sobre processos políticos e comportamento eleitoral naquela parcela do país, só para citar alguns, centraram a sua atenção em aspectos como: tentativa de manipulação de votos através da divisão administrativa do território, o que pode ser limitado para explicar a tendência eleitoral; e surgimento de nova força partidária em 2008 (MDM) no sistema político moçambicano⁶, que nos dá, de forma parcial, alguns elementos de estruturação do comportamento político local. Assim sendo, existe uma lacuna a ser preenchida necessariamente na área de estudos sobre a persistência no voto do eleitorado deste município aos partidos e candidatos da oposição. Existe de igual modo, uma necessidade explicativa que se cinge necessariamente na compreensão de como os eleitores do município da Beira fazem as suas escolhas e quais os factores ou influências que explicariam o seu comportamento eleitoral.

Os aspectos mencionados anteriormente ganham relevância na medida em que no cenário político do país, sob domínio da FRELIMO, este apenas conquistou plenamente o Município da Beira num contexto de não concorrência do maior partido da oposição (RENAMO), e ganhou a maioria na Assembleia Municipal num contexto da fragmentação da oposição. Assim sendo, vêm se tornando notório e crescente a persistência do voto aos partidos da oposição (RENAMO e MDM) no Município da Beira desde 2003, assim como se torna notório a incapacidade do partido FRELIMO em reverter esta situação, tal como acontecera em outros municípios do país, como é o caso de Angoche, Nacala-Porto e Ilha de Moçambique⁷. Notório também é a votação aos partidos da oposição em eleições gerais, apesar de os números de voto para a FRELIMO

⁶CHICHAVA, Sérgio (2010), Movimento Democrático de Moçambique: uma nova força política na democracia moçambicana? Maputo, IESE.

⁷ ROSÁRIO, D. (2009). Les Mairies des «autres»: une analyse politique, socio-historique et Culturelle des trajectoires locales. Le cas d'Angoche, de l'île de Moçambique et de Nacala-porto. Thèse pour le Doctorat en Science politique. France: Université Montesquieu Bordeaux IV.

estarem a aumentar em áreas de domínio da oposição⁸. Quando olhado para os resultados obtidos nestas eleições gerais por partidos e candidatos políticos, nota-se um claro domínio da oposição na Beira.

1.4 CONTEXTUALIZAÇÃO

No processo de ocupação efectiva levada a cabo por Portugal durante o séc. XIX, a Cidade da Beira pertencia ao antigo distrito de Manica e Sofala, e este distrito foi uma das áreas que notabilizou-se pelo processo de contestação ao processo ocupacional levada a cabo por Portugal, como também foi uma das áreas em que no período da colonização, como aponta Fry (2003), a ideologia colonial portuguesa construída sob uma “*missão civilizadora*” estava a ter consequências animadoras para Portugal, pois muitos moçambicanos oriundos daquela região já se comunicavam através da língua portuguesa desvinculando-se desta forma das línguas locais, ou seja, os censos coloniais atestam que esta área era uma daquelas em que o conhecimento do idioma português foi mais desenvolvido.

Este facto pode ser vinculado a concessão do território à Companhia de Moçambique, durante o período entre 1891-1942, devido a incapacidade de Portugal de garantir a efectiva ocupação das suas colónias. Neste período, a Companhia teve a habilidade política de nomear uma gestão totalmente portuguesa, incluindo o Governador, facto que foi um dos principais veículos de difusão da língua portuguesa devido as relações laborais entre os colonizadores e os nativos que aí trabalhavam (Cahen, 1993).

Os 50 anos de autonomia majestática do território de Manica e Sofala não só possibilitou a progressão da missão civilizadora no distrito, como também criou um sentimento anti-metropolitano particularista no seio da elite colonial que aí se encontrava, e na *elite crioula*⁹ em particular, sentimento que combinado com a forte identificação aos grupos étnicos locais (*Ndaus e Shonas*), favoreceu a maturação precoce de um nacionalismo anti-colonial Ndaus de forte cariz congregacionista americano, veiculados sobretudo através das seitas gentílicas e os seus

⁸Ver BRITO, Luís (2008), “Uma nota sobre o voto, abstenção e fraude em Moçambique”, Discussion paper n.º 4, Maputo, IESE.

⁹ Os *crioulos (elite crioula)* são indivíduos que independentemente da cor da pele, diziam-se destribalizados, viviam nas zonas urbanas, falavam português, viviam sob moldes europeus e possuíam uma determinada cultura que actualmente designamos de cultura lusófona (Chichava, 2007).

profetas, ideais esses que conquistaram alguns adeptos entre a elite intelectual Ndaú, entre os quais se destaca Uria Simango (Florêncio, 2002).

Relativamente as seitas religiosas gentílicas, é de salientar que o seu crescimento, no distrito de Manica e Sofala, foi rápido e em progressão geométrica, de 76 em 1918 para 320 em 1938 e para 800 em 1948, e estas ocupavam um lugar de muita importância no seio da população (Branquinho, 1966). Estas seitas religiosas gentílicas, eram na sua maioria oriundas das igrejas separatistas e independentes sul-africanas, e pertenciam por um lado aos tipos etiópicos, que reagiam principalmente contra a discriminação racial, e por outro aos tipos sionistas, com maior predominância e aceitação no território, que surgiram como uma forma de renascimento tendo como modelo as igrejas independentes dos negros americanos (Idem).

Emergiu também no contexto de autonomia majestática, um sentimento *anti-laurentin* (actualmente anti-sulista) principalmente no seio da elite tradicional Ndaú, com a sua génese no processo de invasão e da conquista Nguni (liderados por Gungunhane) ao “*pais*” Ndaú (Cahen, 1993; Florêncio, 2002). Este sentimento anti-metropolitano e *anti-laurentin* destas elites, manifestou-se nas eleições de 1958, onde o General Humberto Delgado conhecido como um opositor inveterado (um candidato pertencente a Cidade do Porto em Portugal), cuja candidatura ficou conhecida como *candidatura do Porto*, obteve maior número de votos que Salazar, na Cidade da Beira (Alves, 1998), o que fez com que a cidade da “*Beira*, se tornasse o primeiro *Baluarto de Irredentismo Moçambicano*”¹⁰, o que tornou desde então esta Cidade o centro de visões opositoras na elite colonial ali existente.

Como forma de reagir à ocupação portuguesa no território nacional, em 1962 foi formada a FRELIMO, que foi resultado da aglutinação de associações moçambicanas sediadas no estrangeiro (UDENAMO: Rodésia do Sul; UNAMI: Niassalândia; e MANU: Tanzânia), que foram fundadas e dirigidas por imigrantes moçambicanos nestes territórios, e eram dominados por aspectos regionais e não tinham nenhuma semelhança programática. Foi a FRELIMO, formada em 1962, a frente que protagonizou e encabeçou a luta anti-colonial durante o período de 1964 à 1974, e é o partido no poder actualmente em Moçambique.

¹⁰Para mais detalhes, ver JARDIM, Jorge (1976), Moçambique Terra Queimada, Lisboa, Intervenção.

Na luta levada a cabo para a conquista da independência, o *movimento subversivo*¹¹ da FRELIMO actuou sempre em função das condições étno-socio-geografico-políticas particulares de cada região, e adaptou as suas técnicas e táticas a condições específicas de cada região (Branquinho, 1966: 20). Na região do antigo distrito de Manica e Sofala, uma das técnicas adoptadas pela subversão foi no campo de infiltração, aproveitando-se dos naturais desta área para o acobertamento dos elementos infiltrantes ou agitadores pelas suas próprias famílias ou pelos próprios chefes tradicionais por adesão, indiferença, passividade, acomodação ou intimidação (Branquinho, 1966: 56).

A subversão (FRELIMO) também jogou ainda com outro factor humano e psicológico, que foi a exploração dos ressentimentos, descontentamentos, frustrações e injustiças das autoridades tradicionais e em especial das populações para com a administração colonial portuguesa, ao mesmo tempo que insuflou o mito dos benefícios que fruiriam da agitação subversiva (Idem). Um dos descontentamentos e ressentimento explorados pela subversão, que possibilitou a condição de revolta contra o regime colonial e a conquista da população a seu favor, na área “*vaNdau*”¹², foram os arranjos levados a cabo pela administração colonial portuguesa no âmbito da implantação da Reforma Administrativa Ultramarina (RAU) de 1933, que só se fez sentir nesta área a partir de 1942, ano em que expirou a concessão da Companhia de Moçambique¹³ e se iniciou a administração directa por parte do Estado português (Florêncio, 2008: 372).

Porém, umas das consequências da RAU, foi a extinção ou redução de determinadas regedorias e por conseguinte a redução ou perda parcial e total da importância política de determinados regedores, como são o caso dos antigos regedores de Chissinguana, Inhangujo, Bagaza, Chironda, Mazimba, Fumo, Ussingué, Chicoio, Inhangoro, Guenje, Beia, Grudja e Gerome (Florêncio, 2008: 373-374). Outra consequência da RAU foi a incorporação de famílias em regedorias diferentes daquelas em que tradicionalmente se encontravam incorporadas (Branquinho, 1966: 4). Assim sendo, a subordinação a uma autoridade estranha acompanhada

¹¹ Subversão, Movimento Subversivo e/ou Guerra Subversiva, era o nome designado pelos portugueses à luta levada a cabo pela FRELIMO nos anos de libertação. Como aponta Gomes (2000) apud Cabaço (2007), na Guerra Subversiva, o terreno de manobra é a população e a conquista da sua opinião, ou seja, valoriza-se mais a conquista das almas que a conquista dos espaços. Assim sendo, as populações são usadas como ambiente operacional privilegiado, como objectivo e como retaguarda (Idem).

¹² “*VaN dau*”, vocábulo derivado da palavra “*Ndaué*”, que é a maneira de responder a um cumprimento ou saudação, muito vulgar entre os *vaNdau*s, *muteves* ou *mateves*, *manhicas*, *machangas* e *acaias* (Branquinho, 1966: 60).

¹³ A região de Manica e Sofala foi arrendada a Companhia de Moçambique devido a incapacidade de Portugal de garantir uma efectiva ocupação dos seus territórios (Chaimite, 2010: 9).

pelos termos de subordinação não aceites pelas populações anexadas numa determinada regedoria, criaram reacções hostis e ressentimentos à administração colonial portuguesa, que foram aproveitadas pelo movimento subversivo para cooptação dos injustiçados (Idem).

Para além das condições anteriormente mencionadas, o movimento subversivo recorreu a exploração das contradições que opunham uns e outros, e os diferentes grupos, para movimentar as populações na consecução dos seus interesses (Branquinho, 1966: 10). Assim sendo, a subversão teve como norma reavivar os antagonismos como meio de estabelecer, nas diferentes regedorias, o equilíbrio das forças que mais convinham aos seus propósitos, agitando de preferência os grupos que eram considerados inferiores (Branquinho, 1966: 58).

O enquadramento destes grupos e das autoridades tradicionais da Cidade da Beira, no movimento subversivo processou-se em duas fases; numa primeira fase com hesitação e desconfiança, e numa segunda, com confirmação e aceitação (Branquinho, 1966: 54-55). A aceitação não foi por convicção, mas sim por receio de eliminação face ao ambiente criado a sua volta (Idem). Este receio provinha da falta de confiança no apoio da administração colonial e na possibilidade de os garantir a posição de chefia (Idem).

Para além das autoridades tradicionais e a população, o movimento subversivo cooptou a adesão dos chefes das famílias por via dos seus elementos mais evoluídos, emigrados ou não, e os jovens e mulheres (Branquinho, 1966: 52, 55). A conquista e adesão dos chefes das famílias, foi acompanhada posteriormente pela pressão destes aos restantes familiares para adesão à subversão, e as mulheres e jovens eram aproveitados para desencadear acções de intimidação das populações que não aderissem a causa subversiva (Idem).

Assim, através da infiltração, exploração de ressentimentos, intimidação, exploração das contradições entre vários grupos sociais, o movimento subversivo conquistou a adesão e cumplicidade das autoridades tradicionais e o silêncio das populações do antigo distrito de Manica e Sofala para a sua causa, e assistiu-se posteriormente a um excessivo recurso aos regedores para o controlo e movimentação da população para a causa subversiva naquela região.

Durante a luta anti-colonial, a FRELIMO não era a única força a movimentar-se para a consecução dos interesses nacionais (independência), existiam alguns partidos que actuavam ainda que de forma clandestina, com vista a realização dos mesmos interesses, apesar da

diferenciação em termos de base de apoio e aceitação populacional entre eles e a FRELIMO. Dentre estes partidos destacam-se alguns como são o caso do Grupo Unido de Moçambique (GUMO); Comité Revolucionário de Moçambique (COREMO); Movimento Moderado Moçambicano (MMM); Partido Democrático Afro-Lusitano; Liga Internacionalista Socialista; Movimento Nacional Unificado de Moçambique (MONAUMO); Congresso Africano de Moçambique; União por um País do Povo Moçambicano (UNIPOMO); Frente Comum de Moçambique (FRECOMO); Partido de Coligação Nacional (PCN); o Movimento Nacional Africano (MONA); Movimento Nacional pela Independência de Moçambique (MONIPAMO); Frente Nacional de Convergência Ocidental (FICO); Conselho Democrático de Moçambique (CDM); Movimento Federalista (MF); Movimento dos Democráticos de Moçambique (MDM); MUR; MIMO e o PRUMO; (Couto, s/d: 304-305).

A cidade da Beira foi a que testemunhou o surgimento de um número considerável destes partidos. Só nesta cidade, tiveram gênese o GUMO, o PRUMO, o PCN, MIMO e o CNAMN (Idem). Estes partidos advogavam na sua maioria, um processo democrático sobre o destino de Moçambique e afirmação do multirracismo, através de um cessar-fogo e negociações com todos os escalões, enfatizando-se o convite a paz.

No período da transição para a independência, estes partidos políticos reivindicavam o direito de participar no poder em igualdade de circunstâncias que a FRELIMO, que por sua vez, entendia que cabia apenas a ela o direito de governar o país dado o seu papel na luta de libertação nacional (Idem). Esta posição da FRELIMO prevaleceu até durante as negociações que deram origem aos acordos de Lusaka a 7 de Setembro de 1974, e assim sendo, no âmbito da consecução e reconhecido por Portugal do direito à independência de Moçambique, a FRELIMO foi reconhecida como único movimento legítimo para assumir o poder no novo país Independente (Idem). Assim sendo, em 25 de Junho de 1975 Moçambique tornou-se num estado Independente, e coube a FRELIMO o destino do país independente.

Após 1975, assistiu-se no país uma espécie de “*Independência Roubada*”, onde as expectativas da população de implantação de um estado democrático não foram realizadas, e contrariamente a elas, os partidos políticos anteriormente mencionados foram suprimidos, implantou-se um regime de partido único que matou, perseguiu, prendeu arbitrariamente e tratou vexatória e brutalmente os que pensavam de forma diferente e discordavam do regime e das suas práticas (Jardim, 1976: 380-386).

Um dos alvos mais fortes das perseguições da FRELIMO foram as autoridades tradicionais existentes em todas regiões do país, perseguições que tiveram como justificativa “*modernização do Estado*” através da construção do “*homem novo*” que teria as “*aldeias comunais*” como a sua força (Florêncio, 2008: 377; Geffray, 1991: 16). Um dos exemplos claros desta perseguição foi a tentativa de aniquilação dos modelos tradicionais de reprodução social, com destaque para a produção familiar de subsistência, o aldeamento disperso e a gestão das terras familiares, a poligamia, as estruturas de poder tradicional, os médicos e curandeiros tradicionais e os cultos dos antepassados da população da região *vaNdau* pertencente a zona centro do país, concretamente no antigo distrito de Manica e Sofala (Idem). O exemplo de desrespeito e tentativa de aniquilação por parte da FRELIMO dos modelos tradicionais foi a proibição das consultas de “*kuringuidja*”¹⁴, a proibição das actividades dos “*ny’anga*” (Curandeiro) e dos “*nhamussoro*” (Médium), e em certos casos, a violentação dos locais de culto dos *varungu a mambo* (espírito dos falecidos mambos).

Estas perseguições e abusos tornavam-se públicos nas reuniões que Samora Machel organizava no seu périplo pelo país, “*viagem triunfal*”¹⁵, onde muitas das vezes as palavras de ordem eram o combate contra a religião, o racismo, o tribalismo, o regionalismo, a superstição, a prostituição, a poligamia, a exploração, a mentalidade escravagista e decadente herdada da dominação colonial (Rosário, 2010: 80). O exemplo explícito deste tipo de discurso que visava a modernização do Estado é encontrado nas declarações feitas por Samora Machel, numa reunião com a população num estádio de futebol na cidade da Beira, em 14 de Junho de 1975, poucos dias antes da independência de Moçambique:

“ (...) O centro da discriminação racial é aqui na Beira. Aqui! Esta discriminação foi deliberadamente promovida pelo governo colonial-fascista de Salazar, e consolidada em estruturas podres por Marcelo Caetano. Desde a infância, nós conhecemos Beira, o satélite do apartheid, o satélite da África do Sul, do racismo da Rodésia e África do Sul. (...) Falar da Beira é falar de crime. É falar de crime contra a humanidade. (...) O centro do banditismo é aqui. (...) O racismo está intimamente ligado ao fascismo. O fascismo não respeita a humanidade. (...) O racismo é uma atitude reaccionária e os

¹⁴ Processo de consulta/adivinhação e cura de um paciente.

¹⁵ Vigem emblemática de Samora Machel realizada entre os dias 24 de Maio e 25 de Junho de 1975 do Rovuma ao Maputo, que simbolizou a derrocada do regime colonial português e definiu o cenário que culminou com a entrega formal do poder pelos Portugueses à FRELIMO (Darch e Hedges, 2011: 67).

povos de todo o mundo uniram-se em torno de um único ideal, o único desejo de esmagar o fascismo (...). Há uma luta aqui em Moçambique, uma grande luta, uma luta para que todos vocês mudem a vossa forma de pensar, para se ter uma personalidade, uma personalidade moçambicana, e saber que a personalidade moçambicana é válida em qualquer parte do mundo. (...).” (Machel, 1975).

As reuniões, que muitas vezes eram tidas como mecanismo essencial de mobilização e aquisição rápida de legitimidade por parte da FRELIMO face às populações, acabavam por virar momentos de forte humilhação, porque vários indivíduos e chefes tradicionais eram acusadas publicamente de colaboracionismo com o regime colonial (Florêncio, 2008: 378).

Mesmo antes da independência, indivíduos pertencentes a região vaNdau já se queixavam de perseguição pelo facto de se oporem aos ideais da FRELIMO, como são o caso de Uria Simango, Silvério Nungo, Mariano Matsinhe e Samuel Dhlakama (Sofalences), que foram acusados de terem participado no complô do assassinato de Eduardo Mondlane, e de serem “tribalistas” e “regionalistas” (PIDE, 1969 apud Chichava, 2010: 6). Na verdade, estes queixavam-se de atentado contra as suas vidas, de exclusão, de tribalismo e de assassinatos contra membros da FRELIMO originários do Norte do rio Save (Idem).

Assim sendo, o tribalismo dos sulistas da FRELIMO acompanhado pelo sentimento de exclusão e marginalização das elites locais, possibilitou o aparecimento de espírito dissidente por parte dos indivíduos do Norte do Save e muitos deles aderiram a causa da RENAMO.

Foi a RENAMO, um movimento com génese na estratégica britânica de contra-insurgência que congregou nas suas fileiras muitos indivíduos oriundos da zona Centro de Moçambique (Manica e Sofala) que tinham sido membros de unidades especiais do exército português concretamente os Grupos Especiais e Grupos Especiais Pára-quedistas (GE’s e GEP’s)¹⁶, os dissidentes da FRELIMO, a milícia privada de Jorge Jardim e de homens da PIDE fugidos de Moçambique, na sua maioria *Ndaus*, que viria a protagonizar uma revolta, que começou passiva, e posteriormente se transformou em resistência armada com objectivos bem delineados, que veio a culminar em uma guerra civil contra o regime “tribalista”, “sulista” e “comunista” da FRELIMO nos anos de 1976 à 1992 (Correia, s/d; Chichava, 2010: 7).

¹⁶GE’s e GEP’s estavam doutrinados a lutarem por um Moçambique governado por moçambicanos, sem quebra de laços com Portugal (Jardim, 1976: 142).

Com a independência do Zimbabwe, a RENAMO foi herdada pelas Forças de Defesa Sul-Africanas, que a utilizaram para ajudar a desestabilizar o regime socialista da FRELIMO. A partir daquele momento, a RENAMO recebeu apoio material e logístico da África do Sul, de algumas igrejas fundamentalistas norte-americanas, interessadas em apoiar a “democracia” contra o “comunismo”, e de cidadãos portugueses interessados em recuperar as propriedades que foram nacionalizadas pelo governo da FRELIMO (Fry, 2003). Concebido pelo regime Rodésiano de modo a tornar-se parte de uma crise social e expressar esta crise, a RENAMO tornou-se uma autêntica força militar no país devido primeiramente aos processos de marginalização inerentes a época colonial e a génese da FRELIMO, e de seguida, as políticas adoptadas no período de partido único.

A tentativa de aniquilação de todas as expressões identitárias de cariz étnico, e a desestruturação das organizações políticas, económicas, religiosas e culturais locais, acompanhadas pelo descontentamento por parte de determinados grupos da quebra total de laços com Portugal e adopção dos princípios do socialismo e a própria composição sulista da liderança da Frelimo, foram factores que impulsionaram o espírito dissidente para a RENAMO, e ao longo deste processo, a população da região vaNdau foi a que teve uma grande vinculação a causa da RENAMO.

Ao longo do período de guerra civil esta vinculação das populações vaNdau foi se tornando mais intensa. Vários são os factores que concorreram para esse processo: primeiramente, o facto de o movimento nascer e recrutar os primeiros combatentes numa zona dominada por populações vaNdau, o que tornou algumas unidades militares do movimento exclusivamente vaNdau, como o famoso e temido *Grupo Limpá*; e em segundo lugar porque a partir de 1980 instalou-se no seio do movimento uma liderança predominantemente Ndau¹⁷, ao nível dos escalões superiores do movimento (Florêncio, 2002). A expansão da RENAMO por diferentes zonas rurais do país, demonstrou que, é uma verdade afirmar que a pertença étnica Ndau não correspondeu a uma fonte directa de ascensão e mobilidade dentro do movimento; mas também não é menos verdade afirmar que a RENAMO, na região centro, nas zonas sob o seu domínio denotava um comportamento bastante mais amigável para com as populações vaNdau do que para com as

¹⁷ O exemplo mais proeminente desta dominância Ndau nos escalões superiores da Renamo consubstancia-se na própria figura do seu actual líder, Afonso Dhlakama, um Ndau, filho do régulo Mangunde do distrito de Chibabava. Esta liderança trouxe para o movimento a língua Chindau que se transformou numa espécie de língua franca do movimento e era utilizada sobretudo pela liderança, mesmo por aqueles que não eram de origem Ndau, como no caso de Raul Domingos (Florêncio, 2002)

outras, nomeadamente para com os Sena, com quem os vaNdau também têm um longo passado de conflitos e animosidades (Roesch, 1992 apud Florêncio, 2002). A guerra civil entre a RANAMO e a FRELIMO, que teve a duração de 16 anos, teve a assinatura dos Acordos Gerais de Paz em 1992 como o marco do seu fim.

A assinatura do Acordo Geral de Paz entre o Governo e a RENAMO, e a Constituição de 1990, possibilitaram, por um lado, a existência de um Estado que passou a ter como pilares os princípios Democráticos e Pluripartidários, onde o direito de votar e ser eleito passou a ser o princípio fundamental de exercício da cidadania; e por outro lado o término da guerra que durou cerca de 16 anos. A nova Constituição possibilitou o avivamento de diferentes grupos e associações étnico-regionais reivindicando na sua maioria a sua integração no poder do Estado. Uma destas associações foi a SOTEMAZA (associação explicitamente Sena). A SOTEMAZA pedia a inclusão dos Senas no poder, de modo a acabar com a humilhação e marginalização de que eram vítima (Chichava, 2008: 11). Esta reivindicação, a primeira na história de Moçambique independente, derivou do conflito étnico na Cidade da Beira entre os *Cenas* e os *Ndaus* devido a língua que deveria se usar nas realizações de missas na Igreja Católica. O Ápice episcopal de Moçambique decidira que os padres das capitais provinciais deveriam celebrar as missas na língua tradicionalmente mais falada na área, e na Beira não há dúvidas que historicamente o *Cindau* foi a língua mais usada, mas a imigração dos *Senas* para a cidade foi tão massiva que o *Cisena* passou a ser o idioma extensivamente falado (Cahen, 1998). O arcebispo Dom Jaime Pedro Gonçalves (um *Ndau*) declarou que as missas deveriam ser celebradas em *Cindau*, facto que constituiu uma forte humilhação para os *Senas* e provocou certas agitações na sociedade, o que levou o arcebispo a reconsiderar a sua posição e aceitar a celebração das missas nas duas línguas (Cahen, 1998; Chichava, 2007).

Apesar da Constituição de 1990 introduzir princípios democráticos, a realização das eleições de 1994, que podem ser consideradas de fundadoras por introduziram o multipartidarismo no país, marcaram a passagem de um regime de partido único, para um regime democrático (Macuane, 2010: 115). Estas eleições foram ganhas pela FRELIMO, mas diante de uma RENAMO que teve um bom desempenho nas zonas rurais, facto que dificultou posteriormente a implementação da

Lei 3/94¹⁸ que previa transformação dos 128 distritos outrora existentes em autarquias locais, com governos democraticamente eleitos (Brito, 2008; Rosário, 2011; Nuvunga, 2013). Assim sendo, a Lei nº 3/94, de 13 de Setembro, determinou a criação do Distrito Municipal Urbano e Rural, tendo sido revogado pela Lei nº 2/97¹⁹, de 18 de Fevereiro, que determinou a criação do Conselho Municipal (Idem). Foi neste contexto em que foram criadas cerca de 33 municípios no país, e o Município da Beira foi um deles.

¹⁸A Lei nº 3/94, de 13 de Setembro, que estabeleceu o “Quadro Institucional dos Distritos Municipais” e definiu as bases do modelo de descentralização que se pretendia erguer. Para mais detalhes, ver, Rosário (2011); Nuvunga (2013).

¹⁹A lei 2/97 representou a revogação da lei 3/94, e esta lei introduziu os princípios e disposições sobre o Poder Local.

1.5 PROBLEMATIZAÇÃO

Em igual circunstância com os 33 municípios criados com base na Lei n° 2/97, a cidade da Beira testemunhou até então a realização de quatro eleições autárquicas. A primeira realizada em 1998, a segunda em 2003, a terceira em 2008 e as últimas em 2013.

A evolução do quadro eleitoral autárquico em Moçambique ilustra que a FRELIMO conquistou o município da Beira na sua plenitude, somente na realização das primeiras eleições autárquicas no país, em 1998. Esta conquista foi num cenário/contexto de não concorrência e boicote da RENAMO²⁰ (Nuvunga, 2013:281). Um facto importante ocorrido nas eleições de 1998 foi a concorrência de Francisco Masquil originário da província de Sofala e da etnia Ndau, que em 1986 havia sido nomeado governador de Sofala por Samora Machel, uma nomeação que pode ser considerada estratégica, pois visava justificar o sonho de unidade nacional, e o sentimento de alienação que a população local sentia no período pós-independência. Masquil veio a revelar-se um acero opositor do regime. De notar que Francisco Masquil, antigo governador da Província de Sofala e cabeça de lista pelo GRM (Grupo de Reflexão e Mudança) na Beira, foi o mais votado dos independentes que ficaram em segundo lugar para o lugar de presidente do município.

Em 2003 realizaram-se as segundas eleições autárquicas de Moçambique e as primeiras com a participação da RENAMO. Estas eleições ocorreram num contexto de dominância da RENAMO na zona Centro e Norte do país, e num contexto que face aos resultados eleitorais das primeiras (1994) e segundas (1999) eleições gerais, a RENAMO estaria em condições de ascender à liderança de muitos municípios, como aponta Brito (2008). Mas na realidade, estas eleições mobilizaram pouco eleitorado e a RENAMO obteve a presidência e maioria na Assembleia Municipal em municípios como Beira, Angoche, Nacala e Ilha de Moçambique (Idem).

As terceiras eleições autárquicas (2008) de Moçambique, particularmente no Município da Beira, ocorreram num contexto de uma oposição (RENAMO) fragmentada e fragilizada devido a

²⁰A retirada da RENAMO nas eleições de 1998 é explicada por razões estratégicas e falta de organização e financiamento. Devido a falta de autonomia financeira das autarquias, o governo da FRELIMO poderia impedir o funcionamento e financiamento das autarquias controladas pela RENAMO e condenaria ao fracasso estes municípios (Soiri, 1999: 10). Em termos organização e financiamento, a RENAMO teria dificuldade em satisfazer as condições necessárias para registar os seus candidatos e fazer campanha (Idem).

expulsão do então presidente do Município da Beira (Daviz Simango)²¹, sob a alegação de ter violado os estatutos do partido, quando decidiu concorrer como independente (Chichava, 2010:10). Num contexto que facilitava a ascensão da FRELIMO no poder devido a existência de uns factores cruciais de fragilização da oposição (fenómeno do candidato independente) como aponta Rakner (2009), os resultados eleitorais de 2008 produziram uma espécie de coabitação política antes vista no país, onde Daviz Simango como candidato independente ascendeu a presidência do Município da Beira, e a FRELIMO obteve maioria na Assembleia Municipal e a RENAMO o menor número de assentos.

Ora, as últimas eleições ocorridas em 2013, vieram reforçar a ideia segundo a qual, o município da Beira, é uma "*pedra no sapato*" da FRELIMO. Pois, o recém-formado MDM (Movimento Democrático de Moçambique)²² e o seu líder Daviz Simango venceram estas eleições, num contexto de não concorrência da RENAMO (o maior partido político da oposição até então, e o segundo maior partido histórico de Moçambique) em todos os municípios do país.

Como se pode ilustrar, a FRELIMO, partido no poder em Moçambique desde 1975, e os seus candidatos para as eleições autárquicas no Município da Beira, ganharam as eleições autárquicas em 1998 num contexto de não concorrência dos partidos da oposição (como a RENAMO), isso devido ao boicote destes partidos na sequência de controvérsias sobre a preparação e a administração das mesmas, nomeadamente em relação à regularidade do processo de registo eleitoral e à escolha das cidades e vilas que se iriam tornar municípios. A participação eleitoral média foi de apenas 14,6%. Na Cidade da Beira, o boicote associado ao encorajamento aos habitantes para boicotar e não se fazerem as urnas de voto, por parte da RENAMO, favoreceu a FRELIMO e prejudicou o GRM de Masquil, pois como aponta Saiori (1999), alguns relatórios não oficiais apontaram que o GRM, liderado por Masquil, teria ganho estas eleições se a RENAMO não tivesse encorajado os habitantes a não participarem nos escrutínios.

Depois de ter vencido as eleições autárquicas de 1998, na Beira, o partido FRELIMO só conseguiu obter maioria na assembleia municipal em 2008 num contexto de fragmentação da oposição (RENAMO), e existe no Município da Beira uma tendência persistente e contínua por parte do eleitorado, a depositar o seu voto a favor dos partidos da oposição, nomeadamente a

²¹ Daviz simango é filho de Uria Simango antigo membro da FRELIMO (Chichava, 2010).

²² Detalhes sobre o surgimento do MDM, Idem.

RENAMO e o MDM, e os seus candidatos desde à realização das segundas eleições autárquicas em 2003.

Tabela 1: Resultados das Eleições Autárquicas no Município da Beira:

Eleições Autárquicas	Candidatos	% de votos	Partidos	% de votos
1998	Chivavice Muchangage	58.5139%	FRELIMO	60,12%
	Francisco de Assis Masquil	41.4861%	GRM	39.87%
2003	Daviz Simango	53.43%	RENAMO-EU	54,54%
	Jalma Lourenço	42.23%	FRELIMO	41,25%
2008	Daviz Simango	61,6%		
	Lourenço Bulha	33,7%	FRELIMO	75,44%
	Manuel Pereira	2,7%	RENAMO	19,75%
2013	Daviz Simango	70,4%	MDM	67,5%
	Jaime Neto	29,5%	FRELIMO	31,7%

Fonte: STAE e CNE (2014), adaptado pelo autor

1.6 Pergunta de Partida

- Como se explica o voto preferencial e persistente do eleitorado do Município da Beira aos partidos e candidatos da oposição (notadamente RENAMO e MDM), e porque permanece e cresce esta preferência eleitoral dos cidadãos aos partidos e candidatos da oposição neste Município?

1.7 MODELO DE ANÁLISE

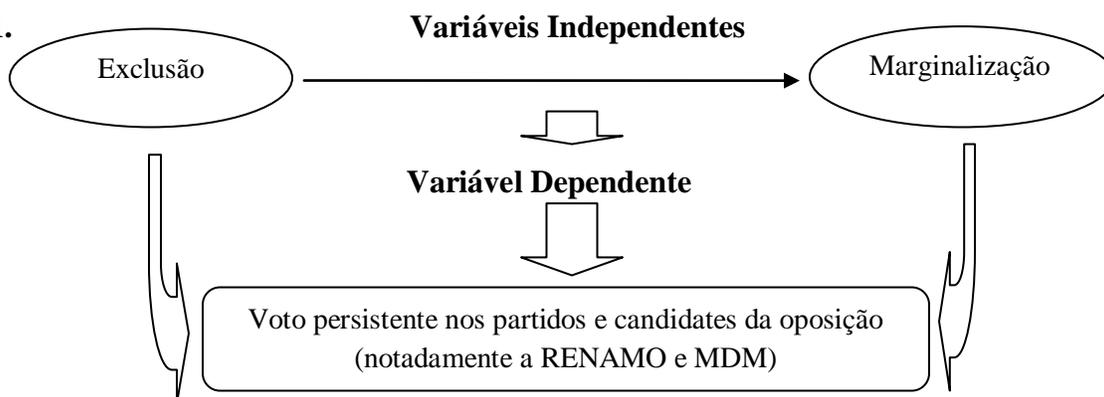
São apresentados no modelo de análise, a hipótese geral que foi o fio condutor do presente trabalho, e estabelece-se uma ligação entre as diferentes variáveis na estruturação do comportamento eleitoral dos indivíduos do Município da Beira. Assim sendo, o voto persistente nos partidos e candidatos da oposição aparece vinculado e influenciado pela exclusão, marginalização e pelas relações sócio-históricas e políticas incorrectas entre a FRELIMO e a elite local.

1.7.1 Hipótese

- O voto persistente do eleitorado do Município da Beira aos partidos e candidatos da oposição (RENAMO e MDM) nas eleições autárquicas é influenciado e explicado pela trajectória das relações sócio-históricas e políticas entre a FRELIMO, os cidadãos, e as elites locais, caracterizadas pela marginalização e exclusão na participação dos centros de poder tanto no processo da luta de libertação nacional assim como no período pós-independência.

1.7.2 VARIÁVEIS

Fig. 1.



1.7.3 Conceitos

Os principais conceitos que serão usados neste trabalho são: **Exclusão, Marginalização, e Voto.**

Exclusão pode ser examinada como um processo sócio-histórico caracterizado pela repressão de pessoas ou de grupos sociais, em todas as instâncias da vida, ou seja, uma impossibilidade de poder partilhar, o que leva à vivência da privação, da recusa, do abandono e da expulsão, inclusive, com violência, de um conjunto significativo da população (Peace, 2001).

Na presente pesquisa, o conceito de exclusão empregue, é o trazido pelo paradigma do monopólio. Neste paradigma, a exclusão é tido como o processo de privação de pessoas ou grupos na partilha do poder, criado pelo monopólio (Bernt e Colini, 2013). Assim sendo, a exclusão surge a partir da interacção de classe e do poder político, e serve os interesses dos incluídos (Silver, 1994 apud Bernt e Colini, 2013). Neste paradigma, a exclusão é combatida através de direitos formais, como a cidadania.

Marginalização é definida como uma forma de desvantagem acrescida e persistente enraizada nas subjacentes desigualdades Sociais (Jenson, 2000). Para Billson (2005), a marginalização pode ser definida de três formas:

- a) Marginalização cultural, que refere-se aos dilemas da identidade inter-culturais e assimilação;
- b) Marginalização social, que resulta das tensões que ocorrem quando um indivíduo é restrito de pertença a um grupo positivo de referência; e
- c) Marginalização estrutural, que diz respeito a falta de poder político, social e económico, e apresenta-se como uma desvantagem.

É especialmente estrutural o conceito de marginalização adoptado no presente estudo, pois ela enfatiza o conceito de poder e opressão, e assim sendo, a marginalização é aqui associada a falta de poder, participação e integração vivida por um determinado grupo.

O Voto pode ser definido como sendo a manifestação de uma preferência, que pode ser pública ou secreta, dos indivíduos em relação aos partidos políticos; ou ainda, ele pode ser definido como o acto pessoal do cidadão eleitor que assim exprime a sua vontade, entendida outrora como livre escolha entre o conjunto de candidatos ou partidos (Bobbio, 1992; Brito, 1995). Nestas

perspectivas trazidas, o voto resume-se em um acto através do qual os eleitores expressam apoio e aceitação aos partidos políticos e os seus candidatos.

Para o presente trabalho, o voto é entendido não apenas como manifestação de apoio e aceitação aos partidos políticos, mas como também mecanismos de sanção que os indivíduos podem usar, reprovando desta forma o desempenho de um determinado partido (Catt, 1996 apud Velasquez, 2011).

1.7.4 ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Para a materialização da presente pesquisa, foi privilegiada a triangulação de duas teorias explicativas sobre as decisões de voto e comportamento dos indivíduos dentro do sistema político: o *Neo-Institucionalismo Histórico com ênfase no Path Dependence* e o *Modelo Ecológico com ênfase no Traumatismo Histórico*. Estas duas teorias tornam-se importantes na medida em que possibilitam a explicação de como os factores sócio-histórico possibilitam a estruturação ao longo do tempo de determinados tipos de condutas de difícil reversão.

1.7.4.1 Path Dependence

Relativamente ao *Path dependence*, Paul Pierson é um dos renomados autores que o discute, e a sua obra *Politics in Time* é um dos principais fios condutores da discussão em torno deste assunto. A abordagem de Path dependence trazida em *Politics in Time* tem as suas raízes em abordagens economicistas que estão directamente vinculados aos mecanismos de *increasing returns, ou seja rendimentos crescentes* (O processo Y reforça a (re) produção de mais Y). Assim sendo, apesar das diferenças entre o campo económico e político, a teoria microeconómica presenteou características importantes ao cenário político em áreas que vão da competição partidária ao comportamento eleitoral (Pierson, 2004).

Os cientistas sociais geralmente invocam a noção de Path dependence para ilustrar: padrões específicos de tempo e matéria de sequência; a partir de condições semelhantes uma série de resultados sociais são possíveis; grandes consequências podem resultar de eventos relativamente pequenos ou contingentes; cursos específicos de acção, uma vez iniciados, podem ser praticamente impossíveis de reverter; e, conseqüentemente, o desenvolvimento político é muitas vezes pontuado por momentos críticos ou momentos que moldam os contornos básicos da vida social (Collier 1991 apud Pierson, 2004: 18-19).

Dois elementos chave são importantes para a questão do Path dependence, primeiro é que os custos da mudança de uma alternativa para uma outra, em certos contextos sociais, aumentam significativamente ao longo do tempo; e em segundo lugar, e relacionado, a atenção para as questões de cronometragem e de sequência, distinguindo momentos formativos ou conjecturas dos períodos que reforçam caminhos divergentes (Pierson, 2004: 19). Assim sendo, as *questões de temporalidade* são a pedra de toque da análise.

Não existem consenso nos conceitos de Path dependence apesar do considerável aumento de autores que o aplicam. William Sewell sugere que Path Dependence significa:

“That what happened at an earlier point in time will affect the possible outcomes of a sequence of events occurring at a later point in time.” (Sewell, 1994: 262-263 apud Pierson, 2004: 20).

Assim sendo, determinados acontecimentos passados, afectarão os acontecimentos futuros. Uma alternativa conceptual ao Path dependence foi sugerido por Margaret Levi:

“Path dependence has to mean, if it is to mean anything, that once a country or region has started down a track, the costs of reversal are very high. There will be other choice points, but the entrenchments of certain institutional arrangements obstruct an easy reversal of the initial choice. Perhaps the better metaphor is a tree, rather than a path. From the same trunk, there are many different branches and smaller branches. Although it is possible to turn around or to clamber from one to the other- and essential if the chosen branch dies- the branch on which a climber begins in the one she tends to follow.” (Levi, 1997: 28 apud Pierson, 2004: 20)

Nesta concepção de Path dependence enfatizam-se os custos de reversão de um determinado curso de acção, onde determinados arranjos institucionais existentes obstruem uma reversão fácil da escolha inicial, assim sendo, cada passo em uma direcção particular torna mais difícil reverter o curso. Como Paul David coloca, *“o conteúdo central do conceito de path dependence como uma propriedade dinâmica refere-se à ideia da história como um processo de ramificação irreversível”* (David, 2000: 8 apud Pierson, 2004: 21). Da mesma forma, Jacob Hacker (2002, 54) argumenta que *“Path dependence refere-se as trajetórias de desenvolvimento que são inerentemente difíceis de reverter”* (Hacker, 2002: 45 apud Pierson, 2004: 21).

Das discussões anteriormente apresentadas, quatro princípios fundamentais postulam a abordagem de Pierson sobre o Path dependence. Em primeiro lugar, os argumentos do Path dependence apontam para *a importância da sequência* - a ordem temporal em que os eventos ou processos sociais se desdobram (Pierson, 2004: 44). Em processos de Path dependence, no entanto, a história é lembrada; pequenos eventos logo no início podem ter grandes impactos, enquanto os grandes eventos em fases posteriores podem ser menos consequentes, ou seja, os

resultados dos eventos iniciais ou processos na sequência pode ser amplificado, enquanto o significado dos acontecimentos ou processos posteriores é amortecido (Idem).

Em segundo lugar, o processo de Path dependence sugere a necessidade de *desenvolver a análise que pode incorporar trechos substanciais de tempo* (Pierson, 2004: 21). Por esta razão, como acontece com o seu destaque de sequência, justificam uma volta à história, assim sendo, as condições existentes que influenciam os resultados sociais actuais surgiram em algum momento no passado, e esses processos anteriores são relevantes para uma compreensão completa dos eventos sociais contemporâneas (Idem). Assim sendo, os acontecimentos em um determinado contexto histórico geram e determinam resultados e acontecimentos sociais e políticos futuros, tanto nos países como nas instituições (Césarís, 2009; Hall e Taylor, 2003). Os Argumentos de Path dependence descansam deste modo sobre o que Stinchcombe (1968, 103-104) chama de uma concepção de *“historical causes”* (causas históricas) - um evento inicial ou processo gera um determinado resultado, que é reproduzido através do tempo, mesmo que o facto gerador original ou processo não se repita (Stinchcombe, 1968: 103-10 apud Pierson, 2004: 45). Segundo Stinchcombe:

“Uma explicação historicista... é aquela em que um efeito criado por causas em algum período anterior torna-se uma causa do mesmo efeito nos períodos seguintes. Em tais argumentos, o problema da explicação divide-se em dois componentes causais. O primeiro é o das circunstâncias particulares que causaram uma tradição a ser iniciado. A segunda é o processo geral pelo qual os padrões sociais se reproduzem.” (Idem)

A terceira implicação importante é que os argumentos de Path dependence fornecem um contador plausível de explicações funcionalistas dos resultados sociais, que também muitas vezes passam em branco (Pierson, 2004: 45).

As formas como as instituições produzem estes trajectos são explicadas por um lado, enfatizando-se o modo como as “capacidades do Estado” e as “políticas herdadas” existentes estruturam as acções e decisões futuras, e por outro lado, no modo pelo qual as políticas adoptadas no passado condicionam as acções e decisões futuras, ao encorajarem as forças sociais a se organizar segundo certas orientações de preferência a outras, a adoptar identidades particulares, ou a desenvolver interesses em políticas cujo abandono envolveria um risco eleitoral (Hall e Taylor, 2003: 200-202; Césarís, 2009: 96).

Em suma, as abordagens existentes sobre Path dependence sugerem que os começos são extremamente importantes, assim sendo, explorar as fontes e as consequências do Path dependence ajuda-nos a compreender a inércia poderosa ou rigidez que caracteriza muitos aspectos do desenvolvimento político - por exemplo, as consequências duradouras que muitas vezes decorrem do surgimento de arranjos institucionais particulares (Pierson, 2004). Além disso, uma apreciação da prevalência da força do Path dependence centra a sua atenção para a importância causal de eventos ou processos temporalmente remotos, e neste processo, a ordem dos eventos pode fazer uma diferença fundamental (Idem). Em todos estes aspectos, Path Dependence privilegia as dimensões nitidamente temporais de processos sociais (Idem).

Como visto anteriormente (na contextualização), o comportamento pro-oposição na Cidade da Beira não é recente, desde o período da colonização que esta Cidade é tida como baluarte dos partidos da oposição; assim sendo, actualmente não há como perceber esse comportamento típico dos indivíduos da Beira sem recorrer a História da configuração do Estado Moçambicano. É neste sentido que a abordagem do Path dependence tornou-se crucial no presente estudo, pois ela ajudou/ajuda a elucidar como é que as questões de natureza histórico-temporais exercem fortes influências na natureza comportamental dos indivíduos em diferentes períodos contextuais, e como é que elas são reproduzidas de modo a se manter vivas de forma constante no quotidiano e na vida dos cidadãos de uma determinada região. Assim sendo, o Path dependence sustenta a posição avançada na hipótese que realça a influência de factores institucionais e históricos-temporais na configuração do comportamento eleitoral dos cidadãos da Beira, factores estes que podemos encontrar no passado não recente assim como recente.

Desta forma, a abordagem historicista-temporal trazida pelo Path dependence possibilitou a conexão entre factores históricos, estruturação do comportamento dos indivíduos e suas preferências eleitorais, ajudando desta forma a percepção da actual ordem e comportamento social dos indivíduos da Cidade da Beira.

1.7.4.2 Traumatismo Histórico

O modelo de *Traumatismo Histórico* objecto teórico da presente pesquisa, tem sido utilizado em Ciência Política, na busca de modelos psico-políticos do comportamento do eleitor (Touaibia, 2013: 140). O traumatismo histórico é definido neste modelo como sendo um conjunto de eventos, factos históricos traumáticos que perturbam permanentemente as relações de indivíduos e de grupos, ou seja, um conjunto de eventos traumáticos operando em várias áreas e com diferentes impactos (Smolewski, 2004: 76; Touaibia, 2013: 140-141). Este tipo de trauma está associado a situações confusas como extermínio desenfreado, deportação, expropriação, genocídio cultural e subjugação (Idem). Ele pode mudar completamente a vida de um indivíduo ou de diferentes grupos. Associado aos elementos de socialização, bem como religião, língua ou cultura, o traumatismo histórico marca duravelmente e estrutura o comportamento social e político dos indivíduos e de diferentes grupos (Smolewski, 2004: 79; Touaibia, 2013: 141). Ele se localiza no cruzamento da experiência individual, herança familiar e experiência colectiva (Smolewski, 2004: 77). Os eventos traumáticos transformaram-se em estruturas políticas e ideológicas reais e determinam o comportamento político de estruturas sociais antagónicas (Touaibia, 2013: 142).

Este trauma é transmitido de geração em geração, assim como os modelos sociais e comportamentais de diversos grupos sociais (Smolewski, 2004; Touaibia, 2013). Causado por uma série de eventos históricos, o traumatismo histórico provoca uma perturbação profunda do funcionamento social que pode durar por muitos anos, décadas ou mesmo gerações (Idem). Os eventos e condutas de acção que se manifestam como um resultado de um traumatismo histórico podem ser transmitidos para as gerações subsequentes, sob a forma de padrões de comportamento social aprendidas (Idem).

O modelo de traumatismo histórico por seu turno, tornou-se importante no presente estudo porque tal e qual ao Path dependence, ele enfatiza a relevância de determinados tipos eventos históricos na forma de pensar e de agir dos indivíduos ao longo do tempo, assim sendo, este modelo possibilita a sustentação de duas variáveis (marginalização e exclusão) no comportamento atípico dos eleitores da Beira, como também enfatiza a apologia da argumentação segundo a qual as práticas da FRELIMO naquela região do país transformaram-se em trauma para os cidadãos e posteriormente este trauma transformou-se em estrutura política e ideológica real e determina o comportamento político antagónico à FRELIMO. Esta abordagem

possibilitou/possibilita a percepção e elucidação de como as memórias ou práticas traumáticas que são exportadas de um determinado espaço geográfico e num determinado espaço temporal estruturam a relação entre duas regiões do país (Centro e Sul).

A abordagem trazida pelo Path dependence e pelo Traumatismo Histórico, possibilitam desta forma a construção de uma abordagem com ênfase em processos históricos, que dão gênese o argumento segundo o qual, os eventos sócio-históricos e traumáticos levados a cabo por um determinado grupo social (A) em relação a um grupo (B), seja ele étnico, linguístico ou regional, podem possibilitar ao longo do tempo, a formação de um determinado tipo de comportamento no grupo B que possibilitará por sua vez a mobilização dos indivíduos pertencentes a este grupo através do quadro de significações do grupo (étnico ou linguístico) contra o grupo A. Assim sendo, para fazer face ao grupo A, num contexto democrático, o grupo B contará com a expressão identitária dos indivíduos e para tal, a mobilização identitária será um dos principais veículos para essa expressão.

1.7.5 METODOLOGIA

É fundamental frisar que a presente pesquisa tem um carácter *qualitativo*²³, pois tinha o propósito de obter opiniões dos cidadãos beirenses relativos ao seu voto, e por conseguinte, interpretar e atribuir significados àquelas opiniões. Desta forma, a abordagem qualitativa reforçou a interpretação de dados quantitativos obtidos durante o processo da pesquisa.

Os dados quantitativos foram obtidos através dos apuramentos de resultados eleitorais das eleições autárquicas e gerais no Município da Beira feitos pelo STAE e CNE, como também dos relatórios do INE sobre o recenseamento geral da população e habitação de 2007, assim como o relatório sobre as projecções anuais da população total, urbana e rural dos distritos da província de Sofala (2007-2040). Os resultados eleitorais obtidos, possibilitaram a elaboração de tabelas e gráficos que permitiram evidenciar e fortificar o problema e assumpções aqui levantadas sobre a persistência de voto do eleitorado beirense, como também permitiram a clarificação de determinadas explicações. Por sua vez, os relatórios do recenseamento geral e as projecções anuais da população total da Beira, possibilitaram a captação do número total dos cidadãos com capacidade eleitoral.

O método de abordagem adoptado no presente trabalho foi o *dedutivo*, pois este método tem como pressuposto para a realização de qualquer estudo, um conhecimento *a priori* do problema a ser estudado. Ora, para a realização do presente trabalho, já tínhamos conhecimentos suficientes sobre a persistência do voto aos partidos e candidatos da oposição no Município da Beira. Assim sendo, através deste método, foi possível confrontar a lei geral que guiou o presente trabalho, com a realidade.

A unidade de observação do trabalho foi seleccionada primeiramente através da amostragem determinada consoante os componentes característicos²⁴ da população, baseado na selecção de diferentes perfis dos eleitores locais, e num segundo momento obedeceu ao critério de *amostragem não probabilística intencionalmente seleccionada*²⁵. Deste modo, foram seleccionados 47 cidadãos beirenses para fazer parte da amostra, dentre os quais destacam-se

²³ RODRIGUES, William C. (2007), *Metodologia Científica*, Paracambi, FAETEC/IST

²⁴ Para detalhes desta técnica de determinação da amostra, Ver QUIVY, Raymond (2008), *Manual DE Investigação em Ciências Sociais*, 5ª ed., Lisboa, Gradiva.

²⁵ MARCONI, M. A; LAKATOS, E.M. (2003), *Fundamentos de metodologia Científica*, 5ª ed. São Paulo, Atlas

actores singulares, autoridades comunitárias e partidos políticos. A selecção destes actores obedeceu aos seguintes critérios: actores singulares, composto na sua maioria por eleitores (sexo, posição social e nível de escolaridade diferenciado), a sua escolha foi devido a sua participação nos pleitos eleitorais da Beira e o processo de escolha dos partidos e candidatos deles advindos, e conhecimento da realidade local; a escolha das autoridades comunitárias e/ou líderes tradicionais foi devido a sua influência no seio populacional, e devido a participação e conhecimento profundo do processo histórico do país, e em particular da Beira; e por fim os partidos políticos porque actuam como os principais actores do jogo político. As autoridades tradicionais e partidos políticos, podemos categorizar como *testemunhas privilegiadas*²⁶.

Relativamente as técnicas, a pesquisa foi eminentemente uma *pesquisa de campo*²⁷, com a participação directa do pesquisador, e deu-se prioridade numa fase inicial a *documentação indirecta*²⁸, que abrangeu a *pesquisa bibliográfica*²⁹ onde o principal suporte para a materialização da pesquisa, foram livros, artigos científicos, monografias, e outros documentos directamente vinculados ao comportamento eleitoral no geral, e em particular de Moçambique mas precisamente da Cidade da Beira.

Num segundo momento, relativo ao trabalho de campo, a técnica de pesquisa usada foi a *documentação directa*³⁰ através da *observação directa intensiva*³¹. Assim sendo, para a colecta de dados, privilegiou-se as *entrevistas semi-estruturadas*³² que permitiram por seu turno, a captação de maior número de informações precisas relativos não só ao voto a favor dos partidos e candidatos da oposição, como também dos factores que condicionam a relação entre o eleitorado e o partido FRELIMO (ver tabela 3 nos anexos para detalhes sobre o período da sua realização). As entrevistas semi-estruturadas também possibilitaram a captação de respostas estimulantes em relação a forma de votação dos beirenses, pois os entrevistados sentiam-se livres e abertos para exteriorizar os seus sentimentos e pensamentos. O sentimento de liberdade e abertura dos entrevistados é derivado da própria natureza deste tipo de entrevista, pois ele

²⁶ QUIVY, Raymond (2008), Manual DE Investigação em Ciências Sociais, 5ª ed., Lisboa, Gradiva

²⁷ Idem

²⁸ Idem

²⁹ Idem

³⁰ Idem

³¹ Idem

³² QUIVY, Raymond (2008), Manual DE Investigação em Ciências Sociais, 5ª ed., Lisboa, Gradiva.

possibilita que diálogo não seja apenas um roteiro de perguntas e respostas que muitas das vezes cansa o interlocutor.

Vinculados aos indivíduos pertencentes à amostra, foram realizadas cerca de 47 entrevistas na Cidade da Beira, em alguns bairros, nas sedes dos partidos políticos, e em muitos casos nas moradias dos entrevistados. Dos 47 entrevistados, 70% (33) são homens e 30% (14) são mulheres. A população (unidade de observação da pesquisa) do presente estudo, foi constituída por eleitores que participaram activamente nos pleitos eleitorais autárquicos realizados no Município da Beira de 2003 à 2013.

Os dados que não foram possíveis colher através da realização das entrevistas, foram adquiridos em alguns jornais e artigos publicados, de forma a tornar mais coesa a abordagem trazida no trabalho.

Para a análise e interpretação dos resultados, a *análise de conteúdo*³³ na sua dimensão qualitativa foi a técnica usada. Desta forma, o uso da análise temática permitiu a transcrição, a tabulação e categorização dos dados colhidos. Esta técnica permitiu o tratamento mais organizado e mais rigoroso do volume de material empírico contido nas entrevistas semi-estruturadas.

Assim sendo, para a percepção e interpretação das motivações do eleitorado da Cidade da Beira em depositar frequentemente o maior número de votos aos partidos da oposição em eleições autárquicas, privilegiou a documentação indirecta através da pesquisa bibliográfica, as *entrevistas semi-estruturadas na pesquisa de campo, e as teorias sobre o comportamento eleitoral com ênfase na influência da história na estruturação do comportamento dos indivíduos.*

1.7.6 Limitações da Pesquisa

O presente trabalho têm como limitação o facto de as entrevistas não terem sido abrangentes a todos os Postos Administrativos e Bairros da Cidade da Beira, restringindo-se apenas em três bairros principais: Munhava, 13^o Bairro (Alto da Manga), e 16^o bairro (Vilamassane) respectivamente. A restrição da pesquisa nestes bairros deveu-se ao facto de por um lado serem os bairros mais populosos da urbe, e pela percepção geral segundo a qual são os bairros em que

³³ DEY, Ian (1993), *Qualitative Data Analysis A User-Friendly Guide for Social Scientists*. Routledge Taylor & Francis e-Library, LONDON AND NEW YORK

os partidos da oposição (RENAMO e MDM) têm maior apoio e aceitação, e por outro lado, devido a falta de recursos financeiros para uma abrangência total. Mas esse facto não invalida as conclusões advindas da pesquisa, pois é do nosso entendimento que as opiniões do maior número dos cidadãos dos Postos Administrativos e Bairros não abrangidos, não fugiriam tanto das que colhemos nos três bairros.

A outra limitação do trabalho deriva da realização de poucas entrevistas com os membros pertencentes ao Partido FRELIMO, que segundo eles deveu-se a falta de tempo e ausência de “camaradas” que poderiam abordar o assunto com mais profundidade. Apesar deste deficit, é provável que as opiniões destes camaradas não sejam tão diferentes da de alguns membros do partido e de alguns entrevistados.

O acesso aos entrevistados e receio de alguns deles em emitir determinadas opiniões foi a maior dificuldade e constrangimento da pesquisa. O receio por um lado, principalmente advindo dos partidos políticos, deveu-se a desconfiança consequente da fase política em que o país atravessa; e por parte da maior parte do eleitorado o receio derivou da desconfiança sobre as reais intenções das entrevistas. Mas este facto foi ultrapassado com sucesso por um lado pela compreensão destes actores, e por outro lado pela apresentação da credencial que permitia a realização do trabalho, pois esta (a credencial) tornou os interlocutores seguros e com conhecimento sobre quem responsabilizar caso as suas opiniões não fossem utilizadas para os intentos indicados pela credencial.

A maior dificuldade para a realização da pesquisa, principalmente no trabalho de campo, foi a demora da emissão de credenciais pela Universidade Eduardo Mondlane (Departamento de Letras e Ciências Sociais), credencias estas que dariam acesso às instituições assim como às sedes dos bairros locais para a realização do trabalho de campo. Este facto impossibilitou a colheita de dados no tempo previsto tendo desta forma alastrado o tempo, e com isso, o aumento dos custos da própria pesquisa. A percepção de certas instituições e de indivíduos foi o que tornou possível a colheita de informações mesmo sem as credencias.

PARTE II

2. ANÁLISE DO OBJECTO DE ESTUDO

Para melhor percepção e compreensão dos aspectos levantados durante o trabalho, esta parte dedica-se a descrição dos aspectos histórico-geográficos, sociopolítico e cultural da Cidade da Beira.

Capital da província de Sofala, a cidade da Beira é o segundo maior centro urbano do país depois de Maputo (Capital de Moçambique). Com uma superfície geográfica de 633 km² e uma população actualmente estimada em 431.583 (INE, 2007), a cidade tem como limites geográficos o distrito de Dondo a Norte, o Oceano Indico ao Sul e Este e o rio Púnguè a Oeste (Muchangos, 1989). Historicamente, onde se situa a cidade da Beira, era uma das regiões que pertencia ao Distrito de Manica e Sofala, “*país Ndau*”, que durante a 2.^a metade do séc. XIX foi ocupado pelos invasores Nguni, liderados por Gungunhane.

O surgimento da Cidade da Beira como tal, é datado de 1884, período que inscreve-se no contexto histórico da ocupação efectiva de toda a região central de Moçambique, que Portugal iniciou no último quartel do séc. XIX, através de uma série de acções de carácter político, administrativo, e sobretudo militar, realizadas directamente a partir de Lisboa, ou por meio dos agentes estabelecidos na ilha de Moçambique, Sofala, Quelimane ou Tete (Lemos, 1989).

Assim sendo, criou-se por Decreto de 14 de Julho de 1884, o comando militar do Aruângua, seguindo-se, em 1887, a fixação do posto militar no sitio do Chiveve, local onde viria a constituir-se o porto da Beira, só depois de com muita relutância, Gungunhane ter prometido aos portugueses que não impediria que eles habitassem o Bângoè ou qualquer outro ponto da costa onde antes haviam habitado, numa clara alusão à região de Sofala (Liesegang, 1989).

A sede do comando militar de Aruângua inaugurada em Agosto, surge com a designação “*Beira*” a partir da informação mensal de Setembro de 1887, datada de 1 de Outubro, elaborada pelo tenente Luís Inácio, e a partir daí, todos os documentos emanados da secretaria do comando militar de Aruângua passam a mencionar como proveniência a “*Beira*” (Lemos, 1989). Na explicação do próprio Luís Inácio, a origem do nome “*Beira*” é uma homenagem ao “*Príncipe da Beira*”, que era um título criado pela carta régia de 17 de Novembro de 1734, pelo então rei de Portugal D. João V (Idem).

A primeira utilização do designativo “*Vila da Beira*” que conhecemos encontrámo-la na informação do governo do distrito de Sofala respeitosamente em Janeiro de 1888, quando se refere, a propósito da construção de embarcações, que “*no escaler do estado no Aruângua, na vila da Beira, é que as obras têm tido bastante desenvolvimento*” (Lemos, 1989; Liesegang, 1989).

A incapacidade de Portugal garantir a efectiva ocupação das suas colónias fez com que arrendasse parte dos seus territórios à gestão de companhias concessionárias, assim sendo, durante um período cinquentenário (1891-1942) a região onde está situada a Cidade da Beira esteve sob a gestão da Companhia de Moçambique.

A proclamação da independência, em 25 de Junho de 1975, significou uma nova fase do desenvolvimento da cidade, caracterizada pela alteração da sua estrutura socioeconómica e político-administrativa (Chaimite, 2010). Em 1978, a Câmara Municipal da cidade foi transformada em Conselho Executivo (Idem). A Lei nº 3/94, de 13 de Setembro, determinou a criação do Distrito Municipal, tendo sido revogado pela Lei nº 2/97, de 18 de Fevereiro, que determina a criação do Conselho Municipal.

Apesar da coexistência de vários grupos étnicos nesta cidade, os grupos étnicos “*Sena*” e “*Ndau*” é que predominam. Não existem dúvidas, que historicamente, a língua “*Cindau*” era a mais falada na Cidade Beira, porém, actualmente, devido a massiva imigração Sena para Beira, o “*Cicena*” é a língua amplamente falada.

A cidade possui 5 postos administrativos, nomeadamente: Chiveve, Munhava, Manga Loforte, Inhamizua e Nhangau (ACMB, s/d). Para além dos postos administrativos, a cidade possui de igual modo 26 bairros: Macuti, Palmeiras, Ponta-Gêa, Chaimite, Pioneiros, Esturo, Matacuane, Macurungo, Munhava-Central, Mananga, Vaz, Maraza, Chota, Alto da Manga, Nhaconjo, Chingussura, Vila Massane, Inhamízua, Matadoro, Mungassa, Ndunda, Manga Mascarenha, Muave, Nhangau, Nhangoma e Chonja (Idem).

Em termos de distribuição étnica ao nível dos postos administrativos da Cidade, a que referenciar que o Posto Administrativo da Munhava³⁴, o mais populoso, é habitado por uma maioria Ndau,

³⁴ O posto administrativo da Munhava, é composto por seguintes bairros: Munhava-Central; Mananga, Vaz, Maraza e Chota.

que ocupa cerca de 79% no seio da população, seguido do Posto Administrativo de Nhangau³⁵ com cerca de 59% da população pertencente a etnia Ndau (ACMB, s/d). Por sua vez, os Postos Administrativos de Inhamízia³⁶ e Manga Loforte³⁷, possuem uma população maioritariamente Sena. Inhamízia possui cerca de 82% da população dessa etnia, seguido de Manga Loforte com cerca de 63% (Idem). O Posto Administrativo do Chiveve³⁸, composto na sua maioria por bairros pertencentes a zona cimento da cidade, é o posto administrativo cujo número de diferentes etnias convivendo é mais elevado na urbe (Idem).

Parece existir no Município da Beira uma relação entre a ocupação do espaço territorial e a votação eleitoral. Há um entendimento generalizado a nível local, que os postos administrativos que englobam na sua maioria áreas suburbanas da cidade (Munhava, Manga Loforte, Inhamizua e Munhava), é que tendem a votar maioritariamente nos partidos e candidatos da oposição. Este entendimento pode, até certo ponto, ser comprovado pelas tentativas por parte do governo da FRELIMO, de reduzir a influência dos partidos da oposição nestas áreas. O caso concreto foi a tentativa de desanexação do posto administrativo de Nhangau na Cidade da Beira, acto que representou uma manifestação de intolerância política por parte da FRELIMO³⁹.

Nas secções seguintes procura-se apresentar, analisar e discutir os resultados obtidos no processo de recolha de dados, e são apresentadas de forma sequencial as evidências que permitem a confirmação ou refutação da hipótese da pesquisa.

³⁵ Nhangau é o posto administrativo com menor número de bairros, sendo composto apenas pelos bairros de Nhangau, Nhangoma e Chonja.

³⁶ Os bairros da Alto da Manga, Nhaconjo, Chingussura, Vila Massane, Inhamízia e Matadoro, pertencem ao posto administrativo de Inhamízia

³⁷ O posto administrativo de Manga Loforte é compostos pelos bairros de Mungassa, Ndunda, Manga Mascarenha e Muave

³⁸ Macuti, Palmeiras, Ponta-Gêa, Chaimite, Pioneiros, Esturo, Maticuane e Macurungo, estes bairros fazem parte da zona cimento da cidade, pertencentes ao posto administrativo de Chiveve.

³⁹ Para mais detalhes, ver CHAIMITE, Egídio E. (2010), *Descentralização e Competição Política: A Questão da Delimitação do Município da Beira*, Maputo, UEM.

2.1 HERANÇA SÓCIO-HISTÓRICA, EXCLUSÃO E MARGINALIZAÇÃO COMO FACTORES EXPLICATIVOS DO VOTO NA BEIRA

De acordo com os entrevistados, um dos factores que pode explicar o voto persistente dos beirenses aos partidos e candidatos da oposição, durante os períodos eleitorais, encontra-se plasmado em três momentos do processo histórico de construção do Estado moçambicano: *período da dominação Nguni; dominação colonial portuguesa; e por fim o período em que o Estado passou para a tutela da FRELIMO (período monopartidário).*

Falando sobre o processo de maior aceitação dos partidos da oposição (RENAMO e MDM) na Cidade da Beira em detrimento da FRELIMO, um dos entrevistados argumentou:

“Os homens do sul por natureza são rebeldes, não querem coordenar, e não querem viver com os outros (...). Eles têm cultura dos seus pais do reino de Gaza, para sair desta cultura eles precisam de escopo e martelo, eles não têm essa cultura moderna. Eles acham-se superiores aos outros, principalmente superiores a nós (...).”⁴⁰

A tese de herança hereditária sulista e de sentimento de superiorização dos indivíduos da região sul do país, que é associada a FRELIMO devido ao facto de historicamente este partido ser dominada pelas etnias do Sul, faz emergir perante os indivíduos da Cidade da Beira maioritariamente *Cenas* e *Ndaus*, um sentimento e pensamento segundo a qual, a FRELIMO sempre pretendeu repor o domínio das etnias do Sul do país sobre as etnias ali existentes, tal como sucedera no período da dominação *Nguni*. Este fenómeno cria no seio dos grupos étnicos existentes na Beira um sentimento de apelação a identidades étnicas locais, que se consubstancia pela oposição constante a uma suposta identidade *Shangana* (Florêncio, 2002).

Um dos outros entrevistados argumentou a sua posição nos seguintes termos:

“ (...) Olha para a história dos heróis em Moçambique, poucos pertencem ao nosso território (Centro do país), mas aqui foi uma das primeiras zonas que resistiu a ocupação Portuguesa. Os heróis nacionais são maioritariamente do Sul do país, o que dá uma imagem a nível histórico que só o Sul do país é que combateu a ocupação

⁴⁰ Entrevista 47

colonial. (...) Actualmente, devido a tantas críticas, é que estão a atribuir o título de heróis aos indivíduos que não pertencem o Sul (...).⁴¹

Este argumento não é despido de significados, pois com base na lei 2/97 artigo 45, alínea 2 (s e t), “*É da competência da Assembleia Municipal, a saber: (...) s) estabelecer o nome das ruas, praças, localidades e lugares no território da autarquia local; t) propor à entidade competente a mudança de nomes de ruas, praças, localidades e lugares do território da autarquia local*”. Foi no contexto de cumprimento desta lei, que em Junho de 2007, a RENAMO, que controlava o Município da Beira, apresentou uma proposta para a Assembleia Municipal que baptizava uma praça com o nome de André Matsangaíssa (considerado fundador da RENAMO e admirado pela sua coragem e por ter encabeçado a rebelião armada contra a ditadura marxista-leninista pós-colonial da FRELIMO) no bairro da Munhava (Saize, 2007 apud Igreja, 2013).

Durante os debates na Assembleia Municipal, os membros da FRELIMO declararam que a intenção do Conselho Municipal era legítima, mas que o acto era ilegítimo porque a praça tinha um nome, que era histórico, “*Praça Munhava*” (Idem). Na verdade, a praça tinha um número oficial, 2314; o nome “Munhava” era usado informalmente, e de acordo com o Estado e seus procedimentos burocráticos, uma nomenclatura informal não é administrativamente válida (Igreja, 2013).

Em resposta às posições da FRELIMO na Assembleia Municipal, o chefe da União Eleitoral da RENAMO na Assembleia declarou que a “*FRELIMO nunca iria aceitar uma praça pública com o nome de André Matsangaíssa, porque, de acordo com eles, heróis nacionais são enfaticamente somente da FRELIMO. Por causa disso, eles estão usando todas as estratégias possíveis para impedir que os habitantes locais escolham seus próprios heróis*” (Idem).

A posição anteriormente citada conciliada a difícil aceitação de Matsangaíssa como herói nacional, clarifica a assumpção que dá conta da existência de uma concepção política e ideológica, principalmente no seio das principais elites existentes na Cidade da Beira, segundo a qual, o facto de a FRELIMO ter dado o título de herói nacional e da resistência aos portugueses maioritariamente aos indivíduos sulistas, por exemplo Gungunhane, reflecte bem, segundo estas elites, a relação entre a FRELIMO e o império de Gaza, que escravizou e depauperou a região vaNdau (Florêncio, 2002).

⁴¹ Entrevista 17

Para alguns, a guerra civil dos 16 anos, entre uma RENAMO “Ndau” e uma FRELIMO “Shangana”, pode ter reflectido rivalidades ancestrais entre os povos do sul, de fala Shangana, que sempre compunham a maioria da liderança da FRELIMO, e os povos das províncias centrais, de fala Ndau, que compuseram a liderança inicial da RENAMO (Honwana, 2002 apud Fry, 2003). Os Shanganas tinham-se aliado aos conquistadores Nguni e os acompanhado na conquista das terras de fala Ndau ao norte (Idem). E o sistema cosmológico dos Shanganas atribui um poder particular aos espíritos Ndau, e por isso acreditavam que a dominância da RENAMO no período da guerra civil derivou da ajudada dos espíritos daqueles que morreram durante a ocupação das suas terras por Gungunhane no século XIX (Idem).

O processo de dominação *Nguni* sobre as etnias dominantes na Beira, criou um processo de representação da história nas elites étnicas locais que como aponta Florêncio (2002), se pode designar como o “*mito das três colonizações*”, segundo o qual os grupos étnicos *Ndau* e *Sena* ainda estão, a nível macro e não micro, sob uma terceira colonização, pois tinham sido colonizados primeiro pelos *Shanganas*, liderados por Gungunhane, depois pelos portugueses, e finalmente novamente pelos *Shanganas*, pois nesse entendimento, a FRELIMO é dominada pelos descendentes de Gungunhane. Nesta linha de pensamento, podemos inferir que para as elites étnicas locais, a ascensão da FRELIMO a tutela autárquica na Beira nada mais seria, se não a reposição da dominação e escravização que os grupos étnicos locais tinham sido sujeitos no séc. XIX, pelo Gungunhane e sua tropas.

O processo de subjugação étnica sofrida pelos Ndaus, que pode ser tido como uma experiência colectiva, é um evento marcante na estrutura deste grupo étnico. Este evento determina existência de antagonismos entre os Ndaus e os Shanganas. Como um trauma, este evento opera como padrão de comportamento grupal, e num caso de confronto entre os partidos da Oposição (notadamente MDM e RENAMO), com uma maioria Ndau, e a FRELIMO vinculada aos Shanganas, este evento localizado no passado, é lembrado.

A existência de um passado ou uma história comum que pode criar identidades grupais, ou seja, a existência destas representações históricas nas elites étnicas locais face a imagem sulista da FRELIMO, não é a condição necessária para a explicação do voto. A forma como estes elementos são mobilizados pelos actores políticos incluindo os partidos políticos é que muitas das vezes servem de elementos estruturantes do voto, e assim sendo, através da mobilização feita, estes grupos passam a ser um vector de acção e participação política.

Desta forma, podemos afirmar que ser Ndaou ou Cena não têm implicações directas com a tendência de voto a favor da RENAMO e MDM, mas passa a ter implicações quando são alertados sobre a importância de pertencer a estes grupos étnicos e da necessidade de demonstrar aversão à FRELIMO (Shangana) causadora do sofrimento social e cultural, devido ao processo de subjugação étnica durante a ocupação territorial Nguni, a exclusão e marginalização aos indivíduos pertencentes a estas etnias. O caso elucidativo da inexistência de vinculação directa entre a pertença étnica e o voto foram as eleições de 1998, que apesar de ter mobilizado pouco eleitorado como já referido, Masquil (um Ndaou) e o GRM perderam para a FRELIMO na Beira.

É verdade que a derrota de Masquil na Beira pode se explicado pelo facto de muitos eleitores da urbe não terem se feito presente nas urnas de voto devido a campanha da RENAMO, mas não é menos verdade que essa derrota pode também ser explicada pela forma como este candidato era visto no seio da população, uma vez que era um dissidente da FRELIMO. O facto de Masquil ter sido incluso na base clientelista estatal da FRELIMO, pode ter criado um sentimento de descontentamento a nível local, que pode ter possibilitado o surgimento de opiniões divergentes sobre o processo de inclusão na rede de acesso de recursos, caso ganhasse as eleições.

E desta forma num contexto democrático, como a do nosso país, estes conflitos étnico-tribais passam a representar conflitos políticos que não se exprimem necessariamente por um voto étnico, mas sim, por um voto regional. Tanto a RENAMO e o MDM fazem esta mobilização grupal étnica, com discursos enfatizando que *“Beira é dos Beirenses, fora os dirigentes da FRELIMO vindos de Maputo”*⁴², o que apela para uma forte identificação grupal e étnica a estes partidos, que em períodos eleitorais se convertem em voto ao seu favor. Assim sendo, como aponta Igreja (2013), a memória social passa a ser uma arena central de contestação política, com políticos utilizando memórias como armas para obter ganhos partidários.

Relativamente ao seu voto, um dos entrevistados argumentou:

“Enquanto eu tiver saúde participarei em todas as eleições possíveis, e votarei sempre no MDM. Para mim a cada eleição é uma oportunidade de castigar a FRELIMO pela má governação que tem feito. Aqui na Beira ela (a FRELIMO) dificilmente voltará a ganhar [...] Os do sul sentem que com a saída da FRELIMO do poder não vai lhes beneficiar,

⁴² Para mais detalhes, ver Jornal Domingo (2013), MDM: Um falso Gigante que vive num castelo de areia, 1 de Dezembro.

nós aqui sentimos também que a entrada dela (a FRELIMO) não nos beneficiará [...]. Por isso sempre votarei no MDM.”⁴³

Esta abordagem, vêm reforçar a ideia deixada anteriormente, segundo a qual, ser Ndau ou Cena não têm implicações directas com a tendência de voto a favor da RENAMO e MDM. Pelos números de votos obtidos durante os processos eleitorais, podemos afirmar que pertencer aos grupos étnicos maioritários da Beira não é condição necessária de voto contra a FRELIMO. Mas a opinião acima citada leva-nos a argumentação segundo a qual, os beirenses sentem-se beneficiados com a governação dos partidos da oposição, o que leva-nos a inferir que mais do que os ressentimentos acumulados derivados dos factores históricos já mencionados, o voto do maior número do eleitorado beirense aos partidos da oposição reflecte uma tentativa de acesso ao Estado e por conseguinte aos recursos. Num contexto típico de escassez de recursos e clientelismo estatal, característico do Estado Moçambicano, o poder político e o controlo estatal são tidos como as vias eficientes de enriquecimento e ascensão social, assim sendo, a identidade étnica Ndau e Sena a RENAMO e MDM pode ser tido como um meio, da maioria de indivíduos pertencentes a estes dois grupos étnicos, de tentativa de acesso ao Estado, pois na FRELIMO, a extensa base clientelista dificulta este processo.

Para além dos factores acima mencionados, a difícil aceitação da FRELIMO na Cidade da Beira, e a conotação desta cidade com o centro da propagação de partidos e indivíduos oposicionistas, está associada ao período da administração portuguesa em Moçambique como se pode perceber na seguinte opinião:

“Beira sempre foi o centro de aversão e oposição ao poder central, mesmo antes da independência do país, Beira representava o seio de contradições entre os próprios portugueses. Esta contradição foi transferida mesmo de Portugal para Moçambique, é uma contradição que existe até hoje, a contradição entre os da cidade de Porto e Lisboa. Os do porto acham-se melhores que os de Lisboa e por isso merecem o poder, Porto para estes devia ser a capital económica e política de Portugal [...]. Na era colonial, eram muitos os portugueses do Porto que viviam aqui na Beira, e sempre reivindicaram o poder no sul do país que estava nas mãos dos de Lisboa. Por isso desde cedo a cidade da Beira foi o centro de surgimento de partidos políticos, muitos deles reivindicando o

⁴³ Entrevista 11

*poder. Após a independência, isso continuou, e é sempre aqui que surgem muitos partidos políticos, e muitos deles aproveitam-se destes factores deixados pelos portugueses do Porto e manipulam as populações, fumigam o tribalismo e o regionalismo [...]. É claro que nós (FRELIMO) cometemos muitos erros depois da independência, mais foram erros conjunturais porque não tinham outras alternativas de governação [...].*⁴⁴

Esta posição que dá conta de existência de animosidades entre os próprios portugueses, pode ser consubstanciada pelo facto da emergência de um sentimento de não-aceitação do poder português (descrito como um sentimento anti-laurentin e anti-metropolitano) que a partir de 1903 ficou centralizado no sul do país devido a transferência da capital da Ilha de Moçambique para Lourenço Marques (actual Maputo). Este sentimento anti-laurentin e anti-metropolitano fortificou-se e foi se tornando mais notório na elite colonial portuguesa e crioula da região de Manica e Sofala, devido ao período cinquentenário em que o território ficou sob tutela da Companhia de Moçambique, e pelo processo de forte identificação que estas elites tinham com os grupos étnicos locais, que já possuíam um sentimento de aversão a região Sul do país devido o processo emigração e conquista Nguni (Cahen, 1993).

O outro factor que catalisou o surgimento de um forte sentimento anti-sulista, é o facto de as elites portuguesas que se encontravam na Cidade da Beira serem maioritariamente do Porto (Alves, 1998) (Cidade de Portugal), que já carregavam consigo animosidades existentes entre esta cidade de Portugal e a capital Lisboa pela disputa de poder. O facto da elite portuguesa sulista ser na sua maioria de Lisboa (Idem)⁴⁵, levou a cristalização e fortificação do sentimento anti-sulista da elite portuguesa, crioula e étnica do centro de Moçambique. Esse factor foi consubstanciado pela obtenção de maior número de voto nas eleições de 1958 de Humberto Delgado, o candidato do Porto, na cidade da Beira.

Não obstante, no período antes das incursões da FRELIMO para aquisição da independência do país, na Cidade da Beira já existiam certos partidos políticos, alguns actuando sobre a base legal, e alguns na clandestinidade, que tentavam congregar forças emancipalistas, pedindo independência do território, como é o caso do GUMO (Grupo Unido de Moçambique), que

⁴⁴ Entrevista 20

⁴⁵ Para mais detalhes sobre a composição portuguesa em Moçambique, ver ALVES, Jorge Fernando (1998), O Furacão Delgado e a Ressaca Eleitoral de 1958 no Porto, Porto, CLC-FLUP.

reunia moçambicanos brancos tradicionalmente separatistas, como é o caso do Jorge Abreu, Joana Simião e Máximo Dias (Jardim, 1976: 231-232). Esta associação veio a converter-se posteriormente na base da FRECOMO, que reuniu na sua base todas as tendências que não se integravam na FRELIMO (Jardim, 1976). Para além do GUMO, a Cidade da Beira testemunhou também o surgimento do PRUMO, e do destacado PCN, formado pelos dissidentes de grande relevância no seio da FRELIMO, como são o caso de Uria Simango, Mateus Gwenjere, Miguel Murrupa e Paulo Gumane (Chichava, 2007).

É de salientar que a FRELIMO na Cidade da Beira, no pós independência, não só contava com a oposição dos pequenos partidos que ali iam surgindo, mas também contava com a aversão de diversos cidadãos daquela região muitos deles pertencentes as forças militares portuguesas (*Moçambicanização do exército*⁴⁶) que combatiam a FRELIMO na medida em que esta se opunha a existência de um estado governado por moçambicanos sem quebra de laços com Portugal, e viam a FRELIMO como um veículo que através da sua ideologia (comunista), os conduziria a uma nova forma de colonialismo (Jardim, 1976: 142-143).

O surgimento de certos grupos separatistas e partidos políticos (GUMO, FRECOMO, PRUMO e PCN) que se opunham a FRELIMO fez com que a Cidade da Beira fosse conotada por Samora Machel como o *centro de terrorismo, centro reaccionário, e satélite do regime do apartheid*. Estas declarações foram feitas numa reunião com multidão em um estádio de futebol na cidade da Beira, em 14 de Junho de 1975, poucos dias antes da independência:

“ [...] *Quantos partidos foram fundados aqui na Beira? Quantos? Quantos? Cinco? Apenas na cidade de Beira? Quantos? Onde estão os seus líderes? Onde estão os seus líderes? Onde estão os seus líderes? [...] Eles foram incentivados pela República da África do Sul, porque os racistas são satélites da República da África do Sul.*”⁴⁷

A posição de Samora Machel sobre os Movimentos e Grupos que se opunham a FRELIMO na Cidade da Beira, faz parecer apenas que estes movimentos e grupos nas vésperas da independência eram expressão de uma manipulação neo-colonial, o que não deixa de ser verdade, pois, alguns destes movimentos e grupos advogavam ainda a existência de um

⁴⁶Moçambicanização do exército refere-se ao enquadramento militar por parte do regime colonial da população e das forças locais moçambicanas com vista a realização dos seus desígnios de conquista. Em Moçambique os A-chicundas foram os mais famosos corpos militares locais ao serviço dos portugueses (Cabaço, 2007: 352- 362).

⁴⁷ DARCH Colin, HEDGES David (1975), *Political Rhetoric in the Transition to Mozambican Independence: Samora Machel: The Beira speech*, June.

Moçambique independente, dentro de uma comunidade lusófona, na qual Portugal teria um papel de liderança, como é o caso do GUMO (Forquilha, 2006). Não deixa de ser verdade também, que alguns destes movimentos, como são o caso do PCN e do PRUMO, cristalizavam profundas clivagens e conflitos não resolvidos no seio do nacionalismo moçambicano, pois, a formação e o processo subversivo levado a cabo pela FRELIMO, criou animosidades entre os diversos cidadãos da região Centro do país, da cidade da Beira em particular, que actualmente expressam-se num voto contra a FRELIMO, como podemos notar na posição de um do entrevistado que passamos a citar:

“ (...) Após a formação da frente em 1962, a frente perdeu muito dos seus princípios fundadores e muitos cidadãos oriundos da zona Centro do país foram excluídos da partilha do poder pelos homens do Sul que já comandavam a frente, e por conseguinte, os homens oriundos da zona Centro foram alvos de perseguição e muitos deles foram mortos pelos sulistas que queriam reinar a força e impedir que o poder estivesse aqui na zona Centro.”⁴⁸

Lembre-se que após a formação da FRELIMO em 1962, Uria Simango (cidadão de Sofala) foi eleito vice-presidente da Frente. Após a morte de Eduardo Mondlane, seguindo a lógica, Uria Simango deveria ascender ao cargo de presidente da Frente, algo que não veio a se concretizar, tendo sido este preterido a favor de Samora Machel.

Para além deste evento, mesmo durante o período da luta de libertação (1968 e 1969), a FRELIMO passou por uma grande crise, que atingiu o seu auge aquando da realização da greve pelos estudantes do Instituto de Moçambique em Dar-és-Salam, que acusavam a FRELIMO e sua direcção de tribalismo e regionalismo (Rosário, 2009). Foi neste contexto, que Mateus Gwenjere, padre católico que afiliou-se ao partido em 1967 com muitos estudantes do pequeno seminário da Beira, foi acusado de cumplicidade na greve. Para a FRELIMO, Mateus Gwenjere tinha uma visão “burguesa”, tanto que muitas vezes ele defendia a constituição de um grupo de intelectuais, isentos da luta e que, depois da independência constituiriam a futura elite do país (Idem).

A greve dos estudantes e o afastamento de Uria Simango ao cargo de presidência da FRELIMO só veio a fortificar ainda mais a ideia segundo a qual, os sulistas é que deveriam ocupar os

⁴⁸ Entrevista 7

espólios de poder no seio da Frente, e o “chingondo” só servia de “carne para canhão” (Chichava, 2008:3).

A exclusão e marginalização sofrida no seio da FRELIMO pelos homens oriundos da região Centro do país, possibilitou a emergência de movimentos separatistas (União Nacional da Rombézia) mesmo antes da independência nacional, e por outro lado, criou condições de dissidência das populações o que possibilitou os indivíduos a aderirem a causa da guerrilha levada a cabo pela RENAMO, como afirmou um entrevistado:

“Todos nós éramos da FRELIMO, mas saímos porque houve muitos problemas no seio da FRELIMO mesmo durante a guerra. A FRELIMO e os seus dirigentes do Sul esqueceram-se que unimo-nos para lutarmos todos por um Moçambique para moçambicanos. Os homens do Centro que estiveram na formação da FRELIMO acabaram perseguidos, e alguns mesmo desapareceram e morreram mas não na linha de fogo [...], por isso decidi me juntar a RENAMO, porque estes tinham uma nova ideologia e assim lutamos contra os opressores do Sul.”⁴⁹

Dentre os dissidentes que aderiram a causa da RENAMO, destacam-se três grupos sociais principais, nomeadamente os notáveis políticos linhagísticos locais, cuja autoridade tinha sido negada e ridicularizada com a implantação do aparelho de Estado aldeão; as populações sinistradas pela deslocação forçada para os aglomerados comunais; e os jovens rurais que tinham tentado subtrair-se às exigências da vida doméstica rural e que não se tinham conseguido integrar em meio urbano (Geffrey, 1991, 24).

Vários foram os homens do Centro do país que desapareceram e encontraram a morte em circunstâncias estranhas, como são o caso daqueles que foram acusados de terem participado do complô que vitimou Eduardo Mondlane (Uria Simango, Silvério Nungo, Mariano Matsinhe e Samuel Dhlakama). Desde 1966, alguns anos após a formação da Frente, os cidadãos da Zona Centro do país já acusavam os sulistas de serem tribalistas e de excluírem os cidadãos oriundos das outras regiões do país no processo de tomada de decisão. Uria Simango foi um destes cidadãos que acusara a FRELIMO de tribalismo e exclusão, acusação que tornou-se pública através do seu documento intitulado “*Gloomy Situation in FRELIMO*” (Triste situação na FRELIMO):

⁴⁹ Entrevista 12

“Desde 1966, tem-se manifestado uma tendência de grupo, infelizmente composto por gentes do Sul, que incluíam o falecido presidente da FRELIMO, no sentido de tomarem decisões por eles próprios e impô-las aos outros por meio das suas manobras [...]. Este grupo continua com este método. Realizaram-se vários encontros na casa de Janet (esposa de Eduardo Mondlane) tendo tomado parte neles só membros da tribo. Temos de compreender que em Moçambique não existe nenhuma tribo superior às outras... Todas as tribos devem receber um tratamento idêntico. Devem ter os seus direitos actualmente, durante a luta, e depois, na independência.” (PIDE, 1968 apud Chichava, 2008:5)

A concepção segundo a qual a FRELIMO sempre excluiu e marginalizou os indivíduos da região Centro do país vem sendo transmitido de geração à geração, como deu a entender o nosso entrevistado:

“ Antes mesmo de eu ter a idade para exercer o meu direito de voto, já ouvia aqui com os meus familiares que a FRELIMO não prestava, que havia perseguido e matado muitos cidadãos daqui do Centro [...]. Em 2013 na minha primeira votação, votei na oposição (MDM), e o que os mais velhos disseram-me sobre a FRELIMO contou muito na minha decisão de voto. Muitas famílias originárias desta cidade nunca gostaram da FRELIMO, e nós como membros destas famílias somos ensinados a não gostar deles também [...].”⁵⁰

Esta opinião leva-nos a um entendimento já adiantado por diversos estudiosos de comportamento eleitoral segundo o qual, as atitudes individuais dos eleitores, é resultado do ambiente social no qual ocorre a sua socialização, devido as influências advindas das suas interações no seio dos diversos grupos em que pertence (Lipset,1967; Radmann, 2001; e Antunes, 2008). Torna-se evidente a assumpção segundo a qual, as ligações entre as forças sociais e o indivíduo permitem uma eficaz socialização política, fundamental na definição do local onde se vai colocar a cruz no boletim de voto (Martins, 2010).

Outro entrevistado argumentou nos seguintes termos:

“Eu voto na RENAMO porque é um “partido familiar”. Meu pai foi guerrilheiro da RENAMO e aqui em casa ele sempre dizia que este era o partido que tínhamos de votar e

⁵⁰ Entrevista 19

quem falasse de outro partido a não ser este era insultado. [...] Eu não tenho nada contra a FRELIMO, não voto neles apenas porque sempre diziam que o partido da família é a RENAMO [...].”⁵¹

Como aponta Antunes (2008), o grupo no qual o eleitor encontra-se inserido, exerce uma grande influência no seu comportamento e por conseguinte na sua decisão de voto, e deste modo, o voto passa a ser a afirmação de uma identidade social.

Torna-se assim evidente que a os actos tribalistas⁵² praticados pela FRELIMO mesmo no período antes a independência nacional, foram intoleráveis para os indivíduos da cidade da Beira. Mais intoleráveis mesmo, haviam sido as políticas da FRELIMO no período de partido único, como declarara um entrevistado:

“Durante o período da luta pela independência do país nós todos lutamos ao lado da FRELIMO, com as nossas armas, nós que éramos pastores incentivávamos aos nossos crentes a colaborarem com eles para conseguirmos a nossa independência. Mas depois da independência, o nosso esforço foi reduzido a nada e a FRELIMO começou não só a perseguir os crentes e as igrejas, mas como também os curandeiros, começaram a proibir muitas práticas tradicionais que mesmo os portugueses nos deixavam fazer [...]. Nós os religiosos, os curandeiros e todos aqueles que aderiam as nossas práticas, éramos chamados de “xiconhocas” e tínhamos de fazer tudo as escondidas enquanto estávamos na nossa terra e independentes.”⁵³

Outro entrevistado, manifestou o descontentamento com as políticas do período de partido único nos seguintes termos:

“ [...] Nos tempos de colonização nos éramos obrigados pelos colonos a trabalhar como escravos, e não conseguíamos pelo menos ter uma machamba para culimar e sustentar as nossas famílias. Lutamos pela independência e conseguimos ganhar [...] mas logo após a independência, nos pensávamos que seríamos livres de verdade na nossa terra,

⁵¹ Entrevista 39

⁵² A tomada de decisões no seio da FRELIMO por uma elite sulistas e exclusão de participação dos indivíduos oriundos da zona Centro do país; expulsão, perseguição e posteriores assassinatos aos Chingondos; No Instituto Nacional Moçambicano em dar-es-salaam quando um Chingondo reprovava era enviado para campos de treino, situação que não acontecia com estudantes do Sul. Estes são actos que ilustram o regionalismo e tribalismo no seio da FRELIMO.

⁵³ Entrevista 13

mas isso não aconteceu, fomos obrigados a ir culimar nas “machambas do povo”, quem negava era levado para o campo de reeducação, lá era maltratado, humilhado [...] era uma nova colonização.”⁵⁴

Um dos nossos entrevistados argumentou:

“ [...] O outro facto que leva aos eleitores a votar na oposição aqui é o comportamento que a FRELIMO teve com este povo do Centro e Norte, já ouviu falar de operação produção? Chicote ao candongueiro? Recrutamento compulsivo para ser miliciano? Por exemplo, éramos sócios das cooperativas de consumo, e quando extinguiram as cooperativas onde é que ficou o nosso dinheiro? Estes são factores de âmbito geral, por isso a FRELIMO é conhecida pela sua própria história na generalidade, por isso nunca foram votados para ganhar as eleições por isso eles nunca quiseram eleições justas, livres e transparentes para permanecer no poder.”⁵⁵

Lembre-se que depois que a FRELIMO que após a declarou-se um partido marxista-leninista em 1977, seguiu-se a um processo de “modernização do Estado” cuja principal arma seria a construção do “homem novo” que teria as “aldeias comunais” como a sua força (Florêncio, 2008: 377; Geffray, 1991: 16). Foi neste contexto em que as autoridades tradicionais, as igrejas e outros sectores da sociedade tornaram-se alvos mais fortes das perseguições da FRELIMO, pois estas representavam um perigo para a nação que pretendia-se construir.

É importante realçar que com o afastamento dos notáveis, a eliminação das suas prerrogativas políticas, sociais e religiosas e perante o discurso violento que os ridicularizava, ameaçava e insultava, as populações compreenderam que era a sua própria existência social que a FRELIMO negava, e tendo como termo de referência o “marxismo”, a FRELIMO foi incapaz de pensar a construção da nação sem apagar a diversidade e heterogeneidade concretas e históricas dos grupos sociais que pretendiam unir e integrar sob o signo de uma identidade única, a cidadania moçambicana (Geffary, 1991: 16, 20).

Estes eventos, vividos durante a luta anti-colonial e durante o processo de construção do Estado Moçambicano, condicionam até então as relações entre os indivíduos da cidade da Beira e a FRELIMO.

⁵⁴ Entrevista 46

⁵⁵ Entrevista 23

“ [...] Não tem como eu votar num partido que tentou nos colonizar novamente enquanto já estávamos independentes, um partido que não reconhece que precisou de nós religiosos para chegar onde está actualmente.”⁵⁶

Das entrevistas feitas tanto aos escalões da sociedade assim como aos partidos políticos, podemos concluir que a marginalização e exclusão referenciada pelos entrevistados assim como organizações partidárias (RENAMO, MDM e FRELIMO) encontram a sua génese em dois momentos da história do país: primeiramente *são inerentes a época colonial e a génese da FRELIMO*, e de seguida, são inerentes as *políticas adoptadas no período de partido único*.

Relativamente ao primeiro processo, o drama de Moçambique tomou forma em 1903, data da transferência da capital da Ilha de Moçambique para Lourenço Marques (Maputo) (Cahen, 1998: 10). Com essa transferência, as autoridades decidiram tornar a colónia rentável ao serviço da economia orientada para o *interland* inglês, e o resultado foi uma marginalização económica, social e política completa das velhas elites crioulas (misturada etnicamente em diversas formas) e a recriação de uma nova e pequena elite no extremo sul com uma forma burocrática do colonialismo português, que posteriormente tornou-se núcleo sulista que proveu o centro da liderança inicial do movimento nacionalista (Idem). E o segundo processo, é explicado pelo estabelecimento das regras do partido único, da criação do estado hostil a sociedade africana no qual a dominação do Sul era indiscutível, e a imposição de uma nação hegemónica pela repressão das identidades (Geffray, 1991; Cahen, 1998).

Assim sendo, a relação caracterizada pela subjugação, inferiorização, marginalização, e perseguição dos indivíduos oriundos da zona Centro do país pelos sulistas da FRELIMO, exprime um certo tipo de sofrimento social e simbólico para aquela população, sofrimento este que perturba de forma contínua não só a mente dos indivíduos e de grupos sociais, como também o seu funcionamento social, estruturando desta forma o comportamento político antagónico em relação à FRELIMO. Desta forma, as condições que influenciam até determinado ponto a escolha persistente dos Beirenses aos candidatos e partidos da oposição, remontam de certos momentos do passado; pode-se então afirmar que as acções praticadas durante um determinado período da história da luta pela independência e da construção do Estado Moçambicano pela

⁵⁶ Entrevista 13

FRELIMO aos cidadãos da região Centro do país, determinam a estruturação e desenvolvimento de um comportamento eleitoral hostil à própria FRELIMO.

Associados aos elementos de socialização, estes eventos, marcam de forma contínua e durável a estrutura e o comportamento social e político dos indivíduos e dos diferentes grupos, apresentando-se desta forma como uma herança histórica ou memória social que vêm sendo transmitidas de geração à geração.

Os eventos aqui relatados, ilustram claramente que o passado ou seja a história, é central para a constituição simbólica de identidades de grupos sociais, assim como para a constituição de representações socialmente compartilhadas, ela (a história) provê uma reserva simbólica de materiais que podem ser úteis para a criação de significados compartilhados e representações sociais para diversos grupos (Liu e Hilton, 2005).

Assim sendo, como afirma Shnirelman:

“Para a percepção, crítica ou justificação do presente, o passado é selectivamente lembrado, usado, ou até mesmo inventado [...], os indivíduos estão constantemente a revisar as suas recordações para moldar as suas identidades actuais [...]. Ao mesmo tempo, o passado está sujeita a instrumentalização que encoraja deliberadamente a selecção inconsciente de factos históricos para alcance de uma meta particular, servindo desta forma interesses particulares” (Shnirelman, s/d: 273-307).

2.2 LIGAÇÃO HISTÓRICA ENTRE OS PARTIDOS DA OPOSIÇÃO (RENAMO E MDM) E SUA INFLUÊNCIA NO COMPORTAMENTO ELEITORAL NA CIDADE DA BEIRA

A ligação histórica existente entre os partidos da oposição (RENAMO e MDM) é tido como uma das principais razões da votação na Beira, esta posição coloca em ênfase a tese segundo a qual, o voto não é apenas reflexo de uma escolha, como também reflecte uma determinada situação vinculado ao contexto social. Assim sendo, o facto de os partidos da oposição (RENAMO e MDM) terem uma ligação com a cidade condiciona a decisão de voto como afirmaram certos entrevistados:

- i) *“Eu voto na RENAMO porque este é o nosso partido, nasceu connosco e nós o confiamos. Não é por acaso que toda a região de Sofala vota na RENAMO, é porque foi nessa região que o partido nasceu para lutar contra os opressores da FRELIMO. Falar desta região é falar da RENAMO, por isso é que a FRELIMO não gosta de nós porque só votamos no partido da terra (RENAMO) como as pessoas do sul fazem, votam na FRELIMO porque é um partido da terra [...]”*⁵⁷

Um outro entrevistado afirmou:

*“A cidade da Beira assim como a província de Sofala, sempre foi uma região revolucionária. Se formos a olhar, foi aqui que nasceu a RENAMO, um partido que antes lutou contra o regime de partido único da FRELIMO, e foi também aqui que nasceu o partido da esperança, o MDM. Para além de votar no MDM por ser um partido promissor e com novas ideias acerca da governação, eu também voto porque este é um partido que nasceu aqui na Beira [...], e nos momentos de eleição, não se pode abandonar um filho de casa e votar no filho do vizinho.”*⁵⁸

Tanto a RENAMO assim como o MDM, são partidos com fortes vinculações a Cidade da Beira. É de salientar que mesmo antes da sua transformação para partido político (tempos de força militar), a RENAMO congregava nas suas fileiras indivíduos oriundos da zona Centro de Moçambique (Sofala) na sua maioria *Ndaus*. A dominância Ndau nos escalões superiores foi notória mesmo no período da guerra civil levada a cabo por este movimento; esta dominância

⁵⁷ Entrevista 15

⁵⁸ Entrevista 4

étnica derivou da existência de um sentimento de falta de representação na nova estrutura de poder da FRELIMO no período pós independência, uma vez que no período colonial, muitos indivíduos pertencentes a esta etnia, por terem esmagados as sociedades ancestrais locais no período da conquista Nguni, foram recrutados para as unidades de combate especiais do exército colonial (*moçambicanização do exército*), devido à capacidade de luta que os portugueses atribuíam-lhes (Geffray, 1991, 117).

Por seu turno, o MDM não escapa também desta vinculação a zona Centro do país, com ênfase a cidade da Beira, pois foi lá, naquilo que ficou conhecido como “Revolução de 28 de Agosto”, que surgiu o MDM; como afirmara Daviz Simango, em um dos seus discursos, “*o MDM surgia na Beira, uma cidade já habituada à adversidade* (Simango, 7 de Março de 2009 apud Chichava, 2010).”

O surgimento do MDM na Beira marcou a reascensão do “*clã Simango*”, que destacou-se no processo da formação da FRELIMO num primeiro momento, e posteriormente pela contestação aos actos tribalistas daquele partido. Este clã também destacou-se na Cidade da Beira com a formação do PCN, partido político que congregou nas suas fileiras condutas divergentes à FRELIMO. Após a morte de Uria Simango, o PCN e o “*clã Simango*” ficaram quase marginalizados no campo político nacional, voltando a se destacar de forma fracassada na tentativa de criação de um Governo de Unidade Nacional em 1994, e nas eleições realizadas neste mesmo ano, onde Lutero Simango presidia o partido (Chichava, 2007).

Na verdade, o reaparecimento do “*clã Simango*” teve a sua génese em 2003, quando numa visão estratégica, (devido a simpatia deste clã na Beira derivado do seu destaque pela resistência ao colonialismo, como também pelo confronto a FRELIMO) a RENAMO aposta em Daviz Simango, na altura membro (PCN), como candidato para as eleições autárquicas. Assim sendo, a RENAMO, até certo ponto, serviu de uma “*rampa para o relançamento do clã Simango*”. Após a sua expulsão da RENAMO, e o posterior surgimento do MDM, o “*clã Simango*” já estava relançado devido a boa governação do Daviz, e tal e qual o acontecido no PCN, este clã tomou conta do MDM. Com efeito, a proeminência da família Simango na direcção do MDM leva alguns, mesmo internamente, a afirmar que este partido tem dois presidentes: um em Maputo, outro na Beira, ou seja, Lutero Simango e Daviz Simango respectivamente (Chichava, 2008).

Os Ndaus que historicamente têm uma relação de conflitos com os grupos étnicos do sul do país (Shanganas), ocupam lugar de destaque na liderança quer da RENAMO assim como do MDM. Desta forma, à semelhança da FRELIMO que desde muito é acusada de ser um partido dominado por Changanas, a RENAMO e o MDM são acusados de serem dominados por Ndaus (Chichava, 2010). Relativamente a esta dominância étnica tanto da RENAMO e do MDM, podemos afirmar que, apesar do grupo étnico Ndau não ser absolutamente dominante na Beira, este grupo étnico e estes partidos vêem as eleições como um veículo para resolução de uma contradição social histórica, e para esta resolução, a mobilização étnica identitária é usado como um dos mecanismos de expressão daquela contradição social.

A tese da influência da vinculação histórica no comportamento eleitoral dos beirenses leva-nos a ideia da existência de uma ligação emocional e psicológica entre eleitorado local e os partidos da oposição, ligação esta com raiz nos espaços de convivência social e também aliado ao sentimento de pertença regional e étnica. Assim sendo, esta ligação traduz-se numa identificação partidária forte, que no período das eleições converte-se em voto a favor da RENAMO e MDM.

Como afirma Martins (2010), o processo de identificação partidária tem a sua génese nos espaços de convivência do indivíduo, especialmente durante as fases da infância e adolescência, assim sendo, os grupos sócias e a herança do passado que eles transmitem ao indivíduo, muitas vezes estão explicitamente ligadas a um partido concreto, o que tende a intensificar a identificação ao longo da vida, especialmente se o indivíduo tem o hábito de votar em coerência com essa afectividade (Idem).

2.3 SANÇÃO OU PROTESTO AO PARTIDO FRELIMO COMO FACTOR EXPLICATIVO DO VOTO NA CIDADE DA BEIRA

A tese de subjugação, exclusão e marginalização, e ligação histórico-partidária outrora apresentados e defendidos por alguns entrevistados como factores determinantes da persistência da votação aos partidos da oposição (RENAMO e MDM), são importantes mas não suficientes para a explicação deste comportamento eleitoral caracterizado como hostil ao partido no poder a nível Macro (FRELIMO).

Por outro lado, de acordo com as opiniões de outros entrevistados colhidas no campo, a crença na mudança do status quo da política nacional é um factor que influencia o voto aos partidos e candidatos da oposição.

“ [...] A FRELIMO governou a cidade da Beira durante muito tempo (1975-2003), mas a sua governação não surtiu nenhum efeito e não se fez sentir, e isso decepcionou-me. Eles (a FRELIMO) estão no poder desde a muito tempo mas a sua governação nunca traz nada de novo, são só promessas que nunca são cumpridas e nós já estamos cansado disso, por isso aqui na Beira apostamos nos partidos da oposição, para ver se algo muda, se trazem novas ideias e nova forma de governar daquela que estamos habituados a ver há muitos anos [...]. ”⁵⁹

O descontentamento em relação a governação da FRELIMO no período compreendido entre 1998-2003 também foi manifestado por outro entrevistado nos seguintes termos:

“A FRELIMO ficou cerca de 30 anos ou mais a dirigir esta cidade. Qual a rua de raiz que foi construída? Qual era o comportamento do lixo nesta cidade? Éramos apelidados a cidade mais anti-higiénica e mais suja do país, porque estes usavam o dinheiro para fins pessoais [...]. A Beira estava estagnada em todos os termos com a governação da FRELIMO [...]. ”⁶⁰

A citação acima da posição dos entrevistados, deixa claro que o voto operado pelas populações da Beira contra a FRELIMO, é um voto sanção devido a má gestão que àquele partido fez durante os anos em que esteve no comando do Município, como também, é uma expressão a

⁵⁹ Entrevista 17

⁶⁰ Entrevista 23

nível micro (Município) de um voto de protesto face a governação da FRELIMO a nível macro (Estado).

As teses destes cidadãos face a governação da FRELIMO não são despidas de sentido. Pois como aponta Forquilha (2011), Moçambique apresenta ainda um sério défice democrático cristalizado numa fraca representação dos interesses dos cidadãos, baixos níveis de participação política, baixo nível de confiança dos cidadãos nas instituições do Estado, particularmente nas instituições da administração eleitoral e de justiça. Assim sendo, a governação no país pode ser equiparada a uma “*anocracia*”, caracterizada pela concentração e ausência de separação de poderes, corrupção endémica, clientelismo exacerbado, vazio de programas políticos, anemia dos aparelhos administrativos, fraudes eleitorais repetidas, e fraca legitimidade das instituições (Montclos, 2010: 11 apud Forquilha, 2011).

A posição dos cidadãos deixada anteriormente, coloca em destaque a ideia segundo a qual, o voto nem sempre representa um sinal de apoio a um determinado partido ou candidato, ela expressa por vezes preferências determinadas pelo tempo e situação (Catt, 1996 apud Velasquez, 2011). O voto outrora expresso pelos cidadãos da Beira, expressa um descontentamento contra a FRELIMO e as suas políticas, assim sendo, as motivações que levam os eleitores a urna para votar, são motivações negativas, que tem como consequência, um voto negativo ou um voto de protesto. Tal como afirma Kselman e Niou (2011) o voto de protesto é “*um sinal claro do descontentamento a um determinado candidato ou partido político.*”

A exclusão económica, a pobreza e o desemprego causado pela FRELIMO e a sua governação no nível macro, também são factores definidos pelos beirenses como determinantes para o voto expresso a favor dos partidos e candidatos da oposição, pois, eles olham para a oposição como uma alternativa política rumo a mudança, não só da Beira como também do país.

“ [...] Das vezes em que votei, apostei sempre em um partido e candidato da oposição (Daviz Simango e o MDM) isso porque o partido no poder tem monopolizado todos os recursos disponíveis no país, e os ganhos da exploração destes recursos muitas das vezes retirados aqui na região Centro, tem sido apenas para Maputo [...]. A FRELIMO está no poder desde 1975 e nos seu programas de governação temos ouvido sempre falar sobre a redução da pobreza, mas na prática a pobreza só vem aumentando apesar do crescimento económico que o país vem registando, e para aumentar, não temos como

minimizar a situação porque há falta de emprego [...] a FRELIMO está no poder faz muito tempo, e sempre vem prometendo mudanças, mudanças que na prática nunca acontecem.”⁶¹

A opinião acima citada, para além de elucidar aspectos vinculados a exclusão económica, o desemprego e a pobreza como factores que influem para o voto sanção contra a FRELIMO, ela também frisa o não cumprimento das promessas eleitorais muitas das vezes vinculadas a “mudanças”. O não cumprimento das promessas feitas durante os períodos de campanha eleitoral influencia de uma forma directa na redução da confiança que uma parte do eleitorado beirense (apesar de ser uma minoria que vota na FRELIMO) tem em relação ao executivo do partido no poder.

No que diz respeito a desigualdade económica e qualidade de vida das populações, é de recordar que durante o período de 1996-2006 a região centro do país foi a que registou o maior aumento do número de pessoas com o PIB abaixo da média e o maior aumento do nível da desigualdade económica. A região registou um aumento em cerca de 391,4% de desigualdade económica, e um aumento de 53,6% para 61,7% de pessoas vivendo com um PIB abaixo da média (Ali, 2009).

Existe um sentimento por parte dos cidadãos beirenses, que as benesses da actual exploração dos recursos apenas estão a avantajá-los o Sul do país, e que eles estão a ser excluídos dos ganhos que advêm da exploração destes recursos, muitas das vezes oriundos da região Centro e Norte de Moçambique. Desta forma, observa-se a posição segundo a qual, eleitores maximizam a sua função de utilidade eleitoral em relação à percepção que têm do desempenho económico recentes da equipa no governo, ou seja, a escolha dos eleitores é mais baseada no cumprimento ou não das promessas passadas do que nas propostas políticas futuras (Key, 1966 apud D. Rosário, 2010:93).

Um dos entrevistado deixou ficar a seguinte opinião face os ganhos da exploração dos recursos assim como da relação possível entre a FRELIMO e a Cidade da Beira:

“ [...] Ninguém está a se beneficiar da exploração dos recursos aqui. Tiram a madeira, areias pesadas e muitos outros recursos, e só eles é que estão a se beneficiar disso. Veio aqui na Beira um consórcio britânico e queriam montar uma empresa para fundição de

⁶¹ Entrevista 29. Opinião também partilhada pelos entrevistados 2,35,41,

ferro, e já estavam numa fase adiantada em termos da documentação para montar a empresa, e estes homens do sul apareceram e impuseram uma condição que a empresa não podia suportar, e acabaram por desistir. Só de imaginar, a empresa podia empregar muitos moçambicanos, e não haveria tanto desemprego aqui. Quando se trata de empresas para mudar a zona Centro, estes homens do sul inviabilizam os projectos [...]. As pessoas aqui na cidade da Beira já se aperceberam que a FRELIMO não gosta desta cidade, e faz de tudo para que esta cidade não desenvolva.”⁶²

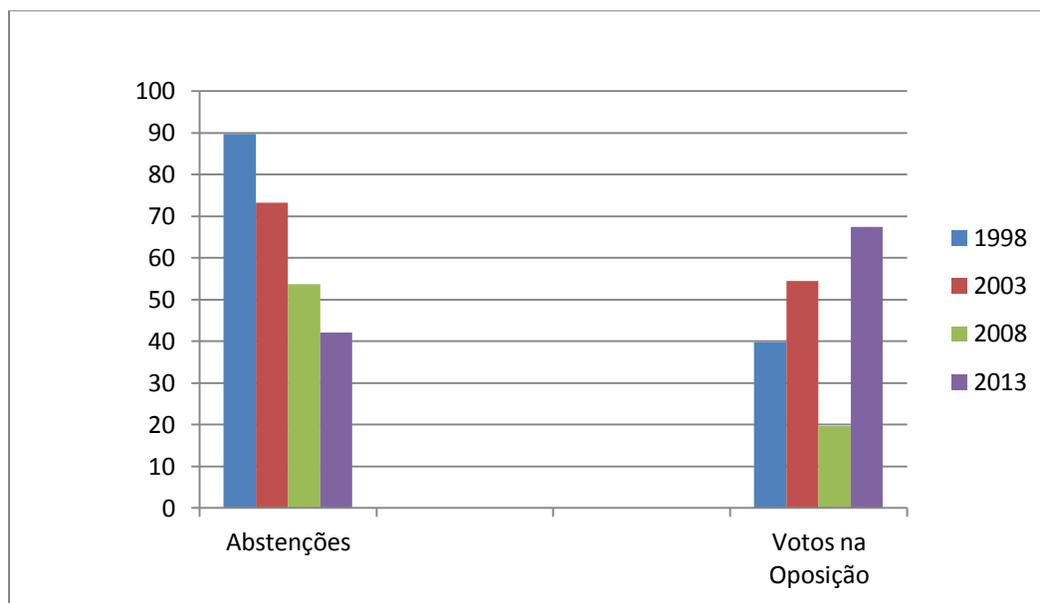
Pode-se então concluir que a pobreza, a exclusão económica e o desemprego generalizado, não só a nível local, como também nacional, produzem condutas determinadas, muitas das vezes caracterizadas pela frustração intolerável e um consenso a nível local da fraca capacidade que o Estado sobe a gestão da FRELIMO, têm na provisão de bens e serviços que satisfaçam as condições e necessidades básicas dos cidadãos; desta forma, os eleitores sentem-se motivados a encontrarem alternativas de cunho político, com vista a maximização dos seus *payoffs*, alternativas esta que encontra-se para muitos eleitores da Beira nos partidos e candidatos da oposição (RENAMO e MDM).

⁶² Entrevista 12

2.4 ABSTENÇÃO ELEITORAL E A SUA VINCULAÇÃO COM A VOTAÇÃO AOS PARTIDOS DA OPOSIÇÃO NAS ELEIÇÕES AUTÁRQUICAS NO MUNICÍPIO DA BEIRA: 1998 À 2013

A abstenção eleitoral, processo através do qual os eleitores tornam-se apáticos em relação as opções ou escolhas políticas (Braudel, 2000: 361-362 apud Ganje, 2010: 20), é um fenómeno recorrente nas eleições tanto autárquicas assim como gerais em Moçambique. A abstenção manifesta a desconformidade dos cidadãos com o sistema político e aparece como um sintoma de crise do processo democrático na razão proporcional da sua importância (Brito, 2007). No nosso país, o cálculo da abstenção é feita através da subtracção dos números de votos expressos do total de eleitores inscritos nos cadernos eleitorais. O cálculo da abstenção que ocorre nestes moldes é designado de abstenção tecnicamente calculada ou abstenção oficial, que é diferente da abstenção real, que seria calculada subtraindo o número dos votos expressos do número dos potenciais eleitores (Brito, 1995: 473-496).

Gráfico 1: Abstenção Eleitoral e Votação nos Partidos da Oposição nas Eleições Autárquicas no Município da Beira



Fonte: Adaptado pelo autor com base nos resultados eleitorais do STAE e CNE (2014)

Igualmente a alguns municípios, Beira têm conhecido um crescimento da participação eleitoral e da competição política, tendo sido um dos palcos das primeiras alternâncias na governação local. A trajectória eleitoral autárquica no Município da Beira ilustra uma redução de abstenção a cada eleição que passa, e ilustra de igual modo, um acréscimo considerável no número de eleitores

inscritos. As eleições fundadoras de 1998 foram as que registaram naquele município o percentual de abstenção mais alto, cerca de 89,65%, e a explicação para essa alta taxa de abstenção, está na influência jogada pelas campanhas eleitorais, as chamadas “*influencias contraditórias*” (Serra, 1999 apud Ganje, 2010).

A elevada taxa de abstenção nas eleições autárquicas de 1998 deveu-se a existência de influências contraditórias ocorridas durante a campanha eleitoral (Serra, 1999: 47-57 apud Ganje, 2010: 18-19). As influências contraditórias teriam tido o “*efeito de Medeia*” e/ou de “*duplo constrangimento*” nos eleitores (Idem). De um lado, estava a FRELIMO a pedir para que as pessoas votassem, e de outro lado estava a RENAMO e outros partidos a pedir que não votassem (Idem). Daí que os cidadãos viram-se constrangidos pelas duas mensagens, tendo optado por fugir da pressão, não votando (Idem).

A frustração do eleitorado com o partido no poder, derivada do não cumprimento das promessas feitas durante as campanhas eleitorais; irrelevância das eleições diante dos assuntos de “*pão e manteiga*”, e a fragilidade dos órgãos da administração eleitoral, são outros factores que explicam a abstenção eleitoral que se têm verificado nas eleições autárquicas na Beira (Mazula, 2006: 121).

Olhando para o percurso eleitoral do Município da Beira, nota-se que há uma tendência de redução da abstenção de eleição para eleição (Gráfico 1). A redução da abstenção eleitoral pode ser derivada por um lado, do facto de os espaços políticos autárquicos constituírem um terreno privilegiado de democratização, pois é lá que a competição política tem resultado em alternância da governação autárquica (ainda que, até agora, apenas em alguns municípios), e por outro lado, do crescimento da consciência democrática dos cidadãos, num país em que ainda é dominante uma visão paternalista do poder político. (Brito, 2013: 32). Assim sendo, a conquista de várias autarquias pela oposição aparece como um elemento catalisador de uma nova dinâmica eleitoral nos municípios, e contribui de igual modo para uma tendência dos cidadãos de exigirem um melhor desempenho das novas autoridades, e, por outro, para uma maior mobilização do eleitorado (Idem: 31).

Ora, olhando para a abstenção eleitoral e a votação aos partidos políticos naquele Município, pode-se inferir que a cada eleição que passa há uma redução da abstenção e um aumento no voto dos partidos da oposição. Assim sendo, pode-se afirmar que a abstenção eleitoral é inversamente

proporcional ao número de votos dos partidos da oposição, ou seja, enquanto a abstenção eleitoral diminui, o voto em prol dos partidos da oposição aumenta, o que leva-nos a afirmar que o maior número de eleitores que decide não se abster vota a favor dos partidos da oposição.

A opinião de um dos entrevistados acima citados (ver entrevista 11), deixa perceber que a FRELIMO na Beira, é um mal que deve ser combatido, e a única arma de combate é a participação massiva nos pleitos eleitorais e votar nos partidos da oposição de forma a impedir que este ascenda ao poder naquela autarquia (Beira).

Apesar da redução considerável do número de abstenções na Cidade da Beira no contexto das eleições autárquicas, este é um fenómeno que ainda deve ser combatido de modo a consolidação da democracia e seus princípios naquela autarquia. São de diversa natureza os factores que levam os eleitores a não dirigirem-se nas urnas de voto como deram a entender os entrevistados:

“ [...] Não votei em 2013 porque estava a fazer meus negócios para sustentar a minha família, eu sou pai e mãe para meus filhos e se eu não fizer nada eles ficarão a fome em casa, pelo menos aqui no mercado consigo arranjar um dinheiro para lhes sustentar [...]. ”⁶³

Esta posição aponta para a irrelevância das eleições diante dos assuntos de “*pão e manteiga*” (Mazula, 2006: 121), ou seja, os benefícios esperados pelo voto por parte dos eleitores são menores quando equiparados aos benefícios advindos de se abster e dedicar-se a actividades de subsistência (Downs, 1957 apud Antunes, 2008).

Para além disso, alguns entrevistados não conseguiram manifestar uma justificação plausível face ao facto de não aderirem as urnas de votos, facto que nos leva a percepção segundo a qual, há no seio deste um desinteresse pela política, o que pode ser explicado pelo baixo nível de escolaridade por um lado, e pela falta de conhecimento sobre a utilidade do voto.

Nota-se a partir destas posições que os motivos que assolam a participação eleitoral ainda continuam de certa maneira vinculados a factores clássicos, como são o caso do custo-benefício de aderir as urnas de voto e o desinteresse pela política.

⁶³ Entrevista 1

2.5 TENDÊNCIAS DE VOTO NAS ELEIÇÕES GERAIS DE 2014 NO MUNICÍPIO DA BEIRA

A análise que faz-se no presente capítulo sobre as tendências de voto no Município da Beira em 2014, parte do princípio segundo o qual, a área municipal coincide com a área do Distrito da Beira pertencente ao círculo eleitoral de Sofala. Como aponta Chaimite (2010), a legislação político-administrativa do país mostra que o Distrito da Beira foi criado pelo Decreto-Lei n° 6/75, de 18 de Janeiro, que, alterando a nomenclatura da divisão administrativa de Moçambique, transforma os Conselhos em distritos, dado que a Beira era um Conselho, passou automaticamente a constituir um distrito. Embora a Resolução n°6/86, de 26 de Julho, tenha extinguido e recriado alguns distritos até então existentes, dentre os quais Lourenço Marques e Ilha de Moçambique, o Distrito da Beira permaneceu intacto (Idem).

A votação nas eleições gerais no Município da Beira apresenta uma trajetória diferente das eleições autárquicas em termos de desempenho dos partidos da oposição (RENAMO e MDM) e do partido incumbente (FRELIMO). A RENAMO, por um lado, apresenta uma trajetória caracterizada pelo decréscimo do número de votos nas eleições de 1994, 1999, 2004 e 2009; e a reconquista da hegemonia eleitoral na eleição de 2014.

A redução da votação em prol da RENAMO no Município da Beira, é resultante por um lado do maior abandono do processo eleitoral dum parte dos seus eleitores, resultantes do facto de depois de eleições consecutivas perdidas, parecer não haver motivos para exercer um direito de voto que não produz efeito, conciliado com a sua incapacidade de se colocar perante os eleitores como uma alternativa ao poder actual da FRELIMO; por outro lado, a redução na votação da RENAMO deriva do surgimento de uma terceira força na arena política do país, o Movimento Democrático de Moçambique (MDM) em 2008, que diferentemente da RENAMO, parece ter capacidade de conquistar o eleitorado, principalmente uma franja de eleitores jovens (Brito, 2008: 9-10; Chichava, 2010).

A FRELIMO por seu turno tem aumentado significativamente o seu número de votos na Beira e em áreas historicamente favoráveis a oposição, principalmente a RENAMO. O aumento do peso eleitoral da FRELIMO nas áreas de grande influência da RENAMO resultou, claramente de um abandono ou falta de motivação para votar de uma parte maior dos eleitores da RENAMO (Brito, 2008: 9).

Tabela 2. Resultados das Eleições Gerais (2014) no Município da Beira

	Candidatos	Nº de votos (%)	Partidos	Nº de votos (%)
Eleições Gerais de 2014	A. Dhlakama	49,4%	RENAMO	37,59%
	F. Nyusi	35,5%	FRELIMO	32,17%
	D. Simango	17%	MDM	28,96%

Fonte: Comissão Nacional de Eleições (CNE) 2014, adaptado pelo autor

Face a esta alteração na tendência de voto que coloca o MDM e o seu candidato com fraco desempenho eleitoral, um dos entrevistados apresentou a seguinte opinião:

“ Nós confiamos no Daviz e no MDM para resolver os problemas da Cidade da Beira, ele ainda é muito jovem e não tem capacidade para dirigir um país, tem de ganhar muita experiência ainda com o município, porque mesmo aqui há problemas que ele não consegue resolver [...]. Eu não acredito que um dia ele conseguirá ganhar as eleições gerais, porque mesmo a RENAMO que é um partido antigo está sempre a perder [...]. ”⁶⁴

O outro entrevistado argumentou nos seguintes termos:

“A governação do país é bem diferente da governação de um Município, e os problemas também são diferentes. O MDM é um partido jovem, não vai conseguir desafiar a FRELIMO, e a RENAMO é o único partido que os moçambicanos confiam para fazer isso [...]. Os conflitos de muxúngue provaram que só a RENAMO consegue combater a FRELIMO. ”⁶⁵

A falta de confiança no MDM para a resolução dos problemas do Estado Moçambicano por parte dos eleitores é um dos factores que influenciou em grande medida o seu mau desempenho na Cidade da Beira nas últimas eleições gerais; e por outro lado a percepção por parte dos eleitores segundo a qual, o MDM ainda é um partido muito jovem para fazer parte da confrontação eleitoral a nível macro, caracterizada por muitos anos pela batalha entre a RENAMO e a FRELIMO. Dito de outra forma, o MDM ainda é um “*pinto*” e não pode fazer parte da luta entre os dois grandes “*galos*” (FRELIMO e RENAMO).

⁶⁴ Entrevista 27

⁶⁵ Entrevista 33

“ [...] Quando o Daviz concorreu para a RENAMO e ganhou o Município, vimos o primeiro mandato dele com a RENAMO correu muito bem, muito trabalho foi feito, mas os dois mandatos em que ele concorreu como independente e com o seu partido, nada está a ser feito aqui na Beira, temos muitos buracos nas estradas, não há construção de infra-estruturas, somente estão a cobrar o dinheiro dos munícipes e encher os seus bolsos, vendem as machambas do povo e a lhes prejudicar, e vendem estes espaços para os chineses e foi por isso que o próprio Daviz e o seu partido perderam nas eleições gerais aqui na Beira, porque eles perderam a confiança do eleitor aqui.”⁶⁶

Este posicionamento não é despido de sentido, pois há mais de dez anos que o Município da Beira vem sendo acusado pelos munícipes da urbe de estar a usurpar terrenos e vender para as pessoas que se dizem pretender erguer e expandir a cidade.⁶⁷

A tendência eleitoral vista nas eleições gerais a nível da cidade da Beira, veio confirmar a posição segundo o qual, um número considerável do eleitorado do MDM é um eleitorado cansado da FRELIMO e um antigo eleitorado “*renamista*” desiludido com as prestações da RENAMO (Chichava, 2010; Velasquez, 2011; e Brito, 2013), trata-se de um “*eleitorado emprestado*”. Assim sendo, nota-se que a oposição que controla o Município da Beira (MDM) perde nas eleições gerais a favor da RENAMO e da FRELIMO.

A reconquista da hegemonia da RENAMO sobre a Beira, também pode ser explicada por outro lado *pelo estilo de governação e modelo de construção do Estado* adoptado pela FRELIMO, na pessoa do seu antigo presidente (Armando Guebuza), e pela *reconquista da confiança do eleitorado* por parte de A. Dhlakama e do seu partido.

Como apontou Rosário numa entrevista realizada pelo Africa is a Country em 5 de Novembro de 2014:

“O modelo de governação exclusiva e arrogante de Armando Guebuza, que marginalizou a população moçambicana, reabilitou politicamente Afonso Dhlakama, assim sendo, Dhlakama passou a ser visto como única alternativa para fazer face aos desmandos governativos da FRELIMO e do seu presidente, considerados responsáveis pelo estado “doentio” do nosso país [...], e não é por acaso que aquando da sua saída

⁶⁶ Entrevista 12

⁶⁷ Para mais detalhes, ver Jornal o País (2013), Município da Beira acusado de usurpar terrenos, 16 de Setembro.

das matas, Dhlakama foi tratado como um herói pela população. Por seu turno, o modelo de construção do Estado por eles (Guebuza e a FRELIMO) adoptada (até mesmo no processo de descentralização) foi clientelista e patrimonialista, incluindo apenas as pessoas que estavam a sua volta, excluído desta forma os demais, o que criou facções importantes mesmo no seio da própria FRELIMO. Com o seu reaparecimento, Dhlakama foi visto como o único que poderia confrontar Guebuza, especialmente porque o seu discurso político adquirira uma roupagem não agressiva, e mais política, o que o tornou uma alternativa política para a ditadura da maioria parlamentar da FRELIMO na Assembleia da República [...]”⁶⁸.

Ora, como observamos anteriormente, uma boa parte do eleitorado do recém-formado MDM, é um eleitorado que havia perdido a confiança em A. Dhlakama e na RENAMO. Portanto, a estadia de Dhlakama durante um período de aproximadamente dois anos na serra de Gorongosa, e a sua posterior retirada, rejuvenesceu a imagem daquele líder e do seu partido, pois ele demonstrou que ainda pode até certo ponto fazer face aos desmandos governativos do partido FRELIMO, fazendo o uso do seu contingente militar. A reconquista da confiança por parte da RENAMO e do seu líder pode ser comprovado pelos números de votos obtidos na cidade da Beira (Tabela 2) e também pelos “*banhos de multidões*” durante as suas campanhas eleitorais pelo país.

Em reacção a reconquista da hegemonia da RENAMO na Cidade da Beira, um dos entrevistados argumentou nos seguintes termos:

“Ouve maquiavelismo aqui na Cidade da Beira. A RENAMO depois de desencadear uma guerra prometia o seu retorno (a guerra) caso não a votassem [...]. A votação foi tendenciosa e sem livre consciência, porque houve coação dos eleitores, e estes preferiram votar na RENAMO porque pensaram que estariam a resolver um problema (a guerra) [...]. Por outro lado, a retirada do Sr. Dhlakama de Satungira e aceleração das negociações foi derivado do medo que a FRELIMO tinha com o MDM. Eles (a FRELIMO) aperceberam-se que poderíamos lhes golpear, porque entre nós e eles, eles não eram capazes de ganhar, e por isso foram buscar aquele senhor (Dhlakama) para

⁶⁸ Para mais detalhes sobre o assunto, ver <http://Africasacountry.com/how-frelimo-rehabilitated-renamo-in-time-for-mozambique-elections>

*vir baralhar e desequilibrar o processo [...] nós não saímos vencidos, fomos vencidos na matemática, porque houve esta coação [...].*⁶⁹

A posição deixada ficar anteriormente, ilustra dois factos importantes:

Por um lado e já referenciado anteriormente, que o voto nem sempre expressa o apoio, aceitação ou aprovação dos eleitores a um determinado partido ou candidato, ele pode expressar preferências determinadas pelo tempo e situação em que os eleitores se encontram envolvidos. Assim sendo, o voto expresso pelos eleitores da Cidade da Beira ao partido RENAMO nas eleições gerais de 2014 pode ser um voto que expressa o medo ao retorno de uma guerra civil, equiparada a guerra dos 16 anos, o que pode representar um retrocesso não só ao desenvolvimento económico mas também social do país e de diversas famílias.

Por outro lado, àquela posição referencia a estratégia adoptada pela FRELIMO de modo a impedir o avanço do MDM na Beira, uma estratégia de *dividir para reinar*. Com vista a efectivação desta estratégia, a participação da RENAMO nos pleitos era muito importante, pois a entrada desta possibilitaria uma divisão do eleitorado naquela autarquia o que viria a beneficiar a própria FRELIMO, pois a divisão do eleitorado entre os dois partidos da oposição possibilitaria a vitória da FRELIMO, porque este manteria a sua base eleitoral enquanto que os eleitores da oposição se dividiriam, ora alguns permaneceriam com o MDM e outros preteriam este partido devido a reapreciação das capacidades da RENAMO e do seu líder.

Para além de perder para a RENAMO na sua área de jurisdição, o MDM perdeu para FRELIMO. A perda para a FRELIMO pode ser explicada por dois factores: por um lado a *perda da maior parte do eleitorado do MDM para a RENAMO*, e por outro lado a manutenção da base eleitoral da FRELIMO que pode ser associada a variáveis estruturais vinculados a *identificação partidária e ideológica desta base eleitoral*.

O primeiro factor pode ser demonstrado recorrendo aos resultados eleitorais das eleições autárquicas onde a RENAMO não participou, e os resultados das eleições gerais com a participação dos três partidos (FRELIMO, RENAMO e MDM). As últimas eleições autárquicas (2013) foram inscritos cerca de 205802 e participaram cerca de 119304 (57,9%) eleitores. Nestas eleições, o MDM teve 67,5% da votação na Cidade da Beira, e a FRELIMO 31,7% de votos respectivamente. Ora nas eleições gerais de 2014 o número de eleitores inscritos aumentou para

⁶⁹ Entrevista 23

cerca de 263937 e foram às urnas cerca de 148826 (56,3%) eleitores⁷⁰. A entrada da RENAMO inverteu completamente a tendência de voto das últimas eleições autárquicas (RENAMO 37,59%; FRELIMO 32,17%; e MDM 28,96%).

Comparadas as duas últimas eleições (Autárquicas de 2013, e as Gerais de 2014) nota-se que nas últimas eleições gerais houve um aumento no número de eleitores inscritos, apesar da participação destes não tender para o mesmo sentido, nota-se também que o MDM perdeu uma percentagem significativa da sua franja de eleitores nestas últimas eleições (uma perda de cerca de 38,6%), e por outro lado, a FRELIMO manteve a sua base eleitoral das eleições de 2013, ou seja teve um aumento insignificativo de quase 0,4% dos votos nas eleições de 2014.

Assim sendo, a ilação possível é que enquanto uma parte significativa dos eleitores que em 2013 (eleições autárquicas) votaram no MDM não voltaram a depositar o seu voto no mesmo partido em 2014 (eleições gerais), a FRELIMO manteve a sua base eleitoral de 2013, facto que possibilitou a sua permanência acima do MDM. E os números apontam que a maior percentagem daqueles eleitores que nas últimas Eleições Autárquicas votaram no MDM, preteriram este partido nas Eleições Gerais a favor da RENAMO.

O segundo factor demonstra-se pelo facto de a FRELIMO ter mantido a base eleitoral das eleições autárquicas de 2013 nas eleições gerais de 2014, facto que leva a ilação segundo a qual o processo de campanha desencadeada por este partido não modificou as opiniões de muitos eleitores em relação a este partido, assim sendo, podemos concluir que os eleitores que decidiram votar de novo na FRELIMO podem ser os mesmos que votaram nas eleições autárquicas, facto que pode estar directamente vinculado a *identificação partidária e ideológica* destes eleitores ao partido FRELIMO.

As campanhas eleitorais tem como principal função converter, activar e convencer os eleitores dos outros partidos, os indecisos e os indiferentes a alterar a sua posição de voto (Antunes, 2008), mas o processo de campanha desencadeado pela máquina partidária da FRELIMO não teve estes efeitos, pelo contrário, parece que o processo de campanha deste partido teve o maior impacte na solidificação da coesão dos simpatizantes ao partido, facto que nos leva a afirmar que os votos outrora obtidos pela FRELIMO nas eleições gerais de 2014 são de eleitores que já estavam predispostos a votar naquele partido e o seu candidato.

⁷⁰ Resultados eleitorais obtidos por CIP (2014) fontes não oficial.

Por fim, pode-se afirmar que durante as eleições gerais de 2014, a RENAMO reconquistou o seu eleitorado na Beira, o que foi custoso para o MDM, e que há uma luta pelo eleitorado entre os dois partidos da oposição na Beira (RENAMO e MDM), e pelo menos nas eleições de 2014, a RENAMO foi a grande vencedora, pois reconquistou o seu eleitorado local, e o MDM o grande perdedor, pois perdeu maior número de eleitores para a RENAMO, que apesar disso não venceu as eleições gerais. E quanto a FRELIMO, pode-se dizer que ela manteve a franja de votos das Eleições Autárquicas de 2013 nas Eleições Gerais de 2014, ou seja, manteve o seu eleitorado tradicional.

PARTE III

3. CONCLUSÃO

O presente estudo que tinha como principal objectivo analisar e compreender os aspectos sócio-histórico do voto e do comportamento do eleitorado do Município da Beira nas eleições autárquicas de 2003 à 2013, e propôs-se a responder quais as razões explicativas do voto preferencial do eleitorado do Município da Beira aos partidos e candidatos da oposição, e porque há permanência e crescimento desta tendência na votação naquela autarquia. Desta forma, partiu-se do pressuposto segundo o qual, os factores que influem esta escolha persistente dos eleitores aos partidos e candidatos da oposição no Município da Beira encontram-se plasmados em certos momentos da história da configuração do Estado Moçambicano.

Do processo de recolha, análise e interpretação dos dados colhidos durante o processo de estudo de campo na autarquia em estudo, chegou-se a conclusão de que os factores de natureza histórica situados em determinados momentos da configuração do Estado Moçambique influem o comportamento hostil a FRELIMO e pró aos partidos da oposição (MDM e RENAMO) naquela autarquia. Estes factores são por um lado vinculados as assimetrias de poder advindos do período da conquista e ocupação Nguni e também do processo de colonização que foram herdados pelos beirenses; e outros factores estão ligados ao processo de formação da FRELIMO como um movimento subversivo, são eles o facto deste movimento ter excluído e marginalizado os homens oriundos da região Centro do país durante o período antes e depois da independência no centro de poder, de modo a impedir que o poder estivesse na região Centro do país.

A tese de tendências de votação influenciada por factores de natureza histórica apesar de ser importante e confirmar a hipótese lançada durante a fase inicial da pesquisa, não é suficiente para explicar o comportamento eleitoral dos eleitores do Município da Beira. As entrevistas realizadas também apontam para dois outros factores que estão por detrás desta tendência.

Por um lado, o mau desempenho que a FRELIMO teve naquela autarquia durante o seu período de jurisdição (1975-2003), e por outro lado é expressão de um voto sanção ao nível micro da governação da FRELIMO ao nível macro.

Uma governação caracterizada pelo défice democrático, fraca representação dos interesses dos cidadãos, baixos níveis de participação política, concentração e ausência de separação de

poderes, corrupção endémica, clientelismo exacerbado, fraudes eleitorais repetidas, exclusão económica, pobreza e o desemprego, vem fortificar o comportamento eleitoral averso a FRELIMO. Desta forma, os partidos e candidatos da oposição aparecem como alternativa à mudança para os diferentes eleitores na Beiras. Neste sentido, o voto outrora expresso pelos cidadãos da Beira, expressa um descontentamento contra a FRELIMO e as suas políticas, assim sendo, as motivações que levam os eleitores a urna para votar, são motivações negativas, que tem como consequência, um voto negativo ou um voto de protesto.

Apesar de tentativas da FRELIMO e o seu governo de reduzir a influência dos partidos da oposição naquela autarquia (tentativas de alteração dos limites territoriais do Município da Beira)⁷¹, tornam-se cada vez menores as oportunidades de reversão daquela autarquia para este partido. Os números apontam para uma cada vez maior fortificação dos partidos da oposição na Beira, e a abstenção vem caminhando numa direcção inversamente proporcional aos votos dos partidos da oposição, e directamente proporcional a votação na FRELIMO, ou seja, enquanto a votação nos partidos da oposição aumenta em cada eleição a abstenção reduz consideravelmente nestas eleições; e esta redução na abstenção é acompanhada pela redução na votação a FRELIMO.

Ora, as Eleições Gerais de 2014 na Cidade da Beira apresentaram resultados que podem ser considerados contraditórios até certo ponto do das eleições autárquicas. Nestas eleições, o MDM perdeu na sua área de jurisdição para a RENAMO e também para a FRELIMO. Este facto pode ser atribuído a factores como falta de confiança dos eleitores no MDM, a reconquista da confiança dos eleitores na RENAMO e no seu líder, o que possibilitou a perda considerável dos eleitores do MDM, enquanto que a FRELIMO manteve a sua base eleitoral tradicional.

Os resultados outrora obtidos nestas eleições e a posição dos eleitores levantam determinadas questões:

- ✓ Poderia o MDM ter obtido uma votação fraca num contexto de não concorrência da RENAMO devido a falta de confiança dos eleitores neste partido para o comando a nível geral?

⁷¹ Para detalhes aprofundados, ver CHAIMITE, Egídio E. (2010), *Descentralização e Competição Política: A Questão da Delimitação do Município da Beira*, Maputo, UEM.

- ✓ Como é que se comportaria a abstenção eleitoral neste contexto, visto que os eleitores estariam face a um partido que não confiam para guiar o seu destino a nível geral, e um partido que combatem por factores de natureza diversa?

3.1 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Jorge Fernando (1998), *O Furacão Delgado e a Ressaca Eleitoral de 1958 no Porto*, Porto, CLC-FLUP.
- ANTUNES, Rui Jorge (2008), *Identificação Partidária e Comportamento Eleitoral: factores estruturais, atitudes e mudanças no sentido do voto*, Coimbra, universidade de Coimbra.
- BERNT, Matthias e COLINI, Laura (2013), *Exclusion, Marginalization and Peripheralization: Conceptual concerns in the study of urban inequalities*, Working Paper, Erkner, Leibniz Institute for Regional Development and Structural Planning.
- Billson, Janet Macini (2005) *No Owners of Soil. Redefining the Concept of Marginality*, In: Dennis, Rutledge M. (ed.): *Marginality, Power and Social Structure: Issues in Race, Class and Gender Analysis*, Oxford: Routledge, 29-47.
- BRANQUINHO, José Alberto Gomes de Melo (1966), *Prospecção das Forças Tradicionais. Manica e Sofala*, Lourenço Marques, relatório do SCC.
- BRITO, Luís de (1995), *O comportamento eleitoral nas primeiras eleições multipartidárias em Moçambique*. In MAZULA, Brazão. *Moçambique: Eleições, Democracia e Desenvolvimento*. Maputo, Elo Gráfica, Lda., p: 473-496.
- BRITO, Luís de (2007), *A Democracia a Prova das Urnas: elementos para um programa de pesquisa sobre a abstenção eleitoral em Moçambique*, Discussion paper n.º 3, Maputo, IESE.
- BRITO, Luís de (2008) “Uma Nota Sobre Voto, Abstenção e Fraude em Moçambique”, Discussion paper n.º 4. Maputo, IESE.
- BRITO, Luís (2013), *Breve Reflexão sobre Autarquias, Eleições e Democratização*, Maputo, IESE.
- CABÁ, Sérgio Nathú (1977), *A guerra na província da Zambézia e o papel do Malawi*, Maputo, UEM.
- CABAÇO, José (2007), *Moçambique: Identidade, Colonialismo e Libertação*, São Paulo, USP.
- CAHEN, Michel (1993), *Mozambique, Histoire Géopolitique d'un Pays sans Nation*, CNRS-Centre d'étude d'Afrique noire, Institut d'études politiques de Bordeaux, p. 213-266.
- CAHEN, Michel (1998), *Dhlakama é maningue nice! An Atypical Former Guerrilla in the Mozambican Electoral Campaign*, Paris, Karthala.
- CÉSARES, Luis Urtubey (2009), *Reconceitualizando o institucionalismo Histórico: path dependence, agencia e mudança institucional*, São Paulo, Universidade de São Paulo.

- CHAIMITE, Egídio Estevão (2010), *Descentralização e Competição Política: A Questão da Delimitação do Município da Beira*, Maputo, UEM.
- CHICHAVA, Sérgio (2007), *LE VIEUX MOZAMBIQUE: étude sur l'identité politique de la Zambézie*, Thèse de Doctorat. Bordeaux, France, Université de Bordeaux.
- CHICHAVA, Sérgio (2008), *Por uma leitura Sócio-Histórica da Etnicidade em Moçambique*, Maputo, IESE.
- CHICHAVA, Sérgio (2010), *Movimento Democrático de Moçambique: uma nova força política na democracia moçambicana?* Maputo, IESE.
- Arquivos do Conselho Municipal da Beira (s/d), *Aspectos Geográficos e socioculturais da Cidade da Beira*.
- CORREIA, Jorge (s/d), *RENAMO a luta de um povo pela Liberdade, pela Democracia*, Fórum Moçambicano.
- COUTO, Amado (s/d), *Moçambique 1974: O fim do Império e o Nascimento da Nação*, p. 217-343.
- CRUZ, Patrícia Alves da (2009), *Comportamento Eleitoral: um estudo sobre as teorias explicativas para o voto no Brasil*, Curitiba, UFPR.
- DARCH Colin, HEDGES David (1975), *Political Rhetoric in the Transition to Mozambican Independence: Samora Machel: The Beira speech*, June.
- DARCH Colin, HEDGES David (1999) “Não temos a possibilidade de herdar nada de Portugal: as raízes do exclusivismo político em Moçambique, 1969-1977”, in: Gláucia Villas Bôas (ed.), *Territórios da língua portuguesa-culturas, sociedades, políticas: anais do IV Congresso Luso-Africano-Brasileiro*, 1a 5de Setembro de 1996, Rio de Janeiro, IFCS, p.135-149.
- DEY, Ian (1993) *Qualitative Data Analysis: A User-Friendly Guide for Social Scientists*, Routledge Taylor & Francis e-Library, London and New York.
- FRANCISCO, António, *Desenvolvimento Comunitário em Moçambique: Contribuição para a sua Compreensão Crítica*, Maputo, Africa-América Institute, 2007.
- EDKINS, Jenny (2003), *Trauma and the Memory of Politics*, UK, Cambridge University Press.
- FLOÊNCIO, Fernando (2002), “Identidade étnica e práticas políticas entre os vaNdau de Moçambique”, CEA.

- FLORÊNCIO, Fernando (2008), *Autoridades tradicionais vaNdau de Moçambique: o regresso do indirect rule ou uma espécie de neo-indirect rule?* *Análise Social*, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, vol. XLIII, 369-391.
- FORQUILHA, Salvador (2006) *Des autoridades gentílicas aux autoridades comunitárias. Le processus de mobilisation de la chefferie comme ressource politique. État, chefferie et démocratisation au Mozambique. Le cas du district de Cheringoma*. Thèse de Doctorat. Bordeaux, France, Université de Bordeaux.
- FREIRE, André (2001), *Modelos do Comportamento Eleitoral: uma breve introdução crítica*, Oeiras, celta.
- FRY, Peter (2003), “CULTURAS DA DIFERENÇA: Sequelas das Políticas Coloniais Portuguesas e Britânicas na África Austral”; *Afro-Ásia*, p. 271-316.
- GANJE, Marta (2010), *Abstenção Eleitoral em Nampula: O caso do distrito de Namapa (1999-2004)*, Maputo, UEM.
- GEFFRAY, Christian (1991), *As causas das armas: Antropologia da guerra contemporânea em Moçambique*, Porto, Afrontamento.
- HALL, Peter e TAYLOR, Rosemary (2003). “As Três Versões do Neo-Intitucionalismo”. *Lua Nova*, 58, pp. 193-224).
- Africasacountry.com/how-frelimo-rehabilitated-renamo-in-time-for-mozambique-elections/
- IGREJA, Victor (2012), *The cultural dimension of war traumas in central Mozambique: The case of Gorongosa*, s/e.
- IGREJA, Victor (2013), “As Implicações de Ressentimentos Acumulados e Memórias de Violência Política para a Descentralização Administrativa em Moçambique”, *Revista Estudos Políticos*, Nº 6, pp. 163-180.
- Instituto Nacional de Estatística (2007), *Projeções Anuais da População Total Urbana e Rural dos Distritos da Província de Sofala 2007-2040*.
- Instituto Nacional de Estatística (2007), *III Recenseamento Geral da População e Habitação 2007: Resultados Difinitivos Província de Sofala*.
- JARDIM, Jorge (1976), *Moçambique Terra Queimada*, Lisboa, intervenção.
- LEMOS, Manuel José (1989), “Aruângua, Chiveve ou Bangoê?”. In *Arquivo Histórico de Maputo*, Universidade Eduardo Mondlane, p. 5-20.

- JENSON, Jane (2000), *Thinking about Marginalization: What, Who and Why?* Canadian Policy Research Networks Inc (CPRN).
- LEVIN, Jack (1987), *Estatística Aplicada à Ciências Humanas*, 2ed, São Paulo: Editora Harbra Ltda, 1987.
- LIESEGANG, Gerhard (1989), “Sofala, Beira e sua Zona”. In *Arquivo Histórico de Maputo*, Universidade Eduardo Mondlane, p. 21-64.
- LUNDIN, Irãe (1995), *Por uma leitura étnica dos partidos políticos*. In MAZULA, Brazão. Moçambique: Eleições, Democracia e Desenvolvimento. Maputo, Elo Gráfica, Lda, p: 423-471.
- MACUANE, José Jaime (2010), *Reforma, Contestação Eleitoral e Consolidação da Democracia em Moçambique*, Revista Científica Inter-Universitária, vol. 1, nº 3, pp. 113-132, Economia, política e desenvolvimento, Maputo.
- MARCONI, Maria; LAKATOS, Eva (2003), *Fundamentos de metodologia Científica*, 5ª ed. São Paulo. Atlas.
- MARQUES, José Costa (s/d), *Apresentando o Neo-institucionalismo Histórico como Modelo Teórico de análise nas Ciências Humanas*, s/e.
- MUCHANGOS, António (1989). “Aspectos Geográficos da Cidade da Beira”. In: *Boletim Bibliográfico do Arquivo Histórico de Moçambique*. Maputo: Universidade Eduardo Mondlane, p. 239-296.
- NUVUNGA, Adriano (2013), *Política De Eleições Em Moçambique: as experiências de Angoche e Nicoadala*, Maputo, IESE.
- O País (2013), *Município da Beira acusado de usurpar terrenos*, 16 de Setembro.
- PEACE, Robin (2001), *Social Exclusion: a concept in need of definition?* Social Policy Journal of New Zealand, Knowledge Management Group.
- PERFEITO, Juarez (s/d), *Mercado Político: componentes determinantes na tomada de decisão do eleitor*, s/e.
- PIERSON, Paul (2004), *Politics in Time: History, Institutions, and Social Analysis*, United States of America, Princeton and Oxford.
- QUIVY, Raymond (2008), *Manual DE Investigação em Ciências Sociais*, 5ª ed., Lisboa, Gradiva.
- RAKNER, Lise (2009), “Democratization by elections? Opposition Weakness in Africa”, *Journal of Democracy*, vol. 20, nº 3 pp. 108-121.
- RODRIGUES, William C. (2007), *Metodologia Científica*, Paracambi, FAETEC/IST.

- ROSÁRIO, Domingo Manuel (2009). Les Mairies des «autres»: une analyse politique, socio-historique et Culturelle dès trajectoires locales. Le cas d'Angoche, de l'Île de Moçambique et de Nacala-porto. Thèse pour le Doctorat en Science politique. France: Université Montesquieu Bordeaux IV.
- ROSÁRIO, Domingos Manuel (2010), “Angoche: Por uma compreensão da derrota eleitoral da Renamo nas eleições autárquicas de 2008”, Revista Científica Inter-Universitária, vol. 1, nº 3, pp. 79-112, Economia, Política e Desenvolvimento, Maputo.
- ROSÁRIO, Domingos Manuel (2011), “Descentralização em contexto de partido “dominante”: O caso do município de Nacala Porto”, IESE, pp 55-90, Desafios para Moçambique 2011, Maputo.
- SMOLEWSKI, Magdalena et all (2004), *Traumatisme historique et guérison autochtone*, FADG.
- SOIRI, Iina (1999), Moçambique: aprender a caminhar com uma bengala emprestada? Ligações entre descentralização e alívio à pobreza, Maputo, Governo da Finlândia e Comissão Europeia.
- TOUAIBIA, Yasmina (2013), “Les usages du traumatisme historique: Le cas de La démocratisation en Algérie”, Recherches internationales, nº 94, pp. 135-152.

3.2 ANEXOS

Para Preservar os Entrevistados e a Confidencialidade das Informações, Alterou-se o Número dos Entrevistados

Tabela 3: Lista dos Entrevistados

Número	Nome	Ocupação Profissional	Local	Data
1	Agnaldo M. Boaventuta	Estudante	13 ^o Bairro Alto da Manga	08.02.2015
2	Ainízio L. Mutane	Professor	13 ^o Bairro Alto da Manga	07.02.2015
3	Albano P. Tanta	Desempregado	9 ^o Bairro Munhava	27.01.2015
4	Anónimo	Funcionário da ADPP	9 ^o Bairro Munhava	21.01.2015
5	Alexandre Z. Fazenda	Presidente da Juventude da RENAMO- Beira	Delegação Política da RENAMO (Munhava)	06.01.2015
6	Anónimo	Empresário Local	13 ^o Bairro Alto da Manga	17.02.2015
7	Augusto Nico	Desempregado	16 ^o Bairro Vila Massane	13.02.2015
8	Carlos A. Jofrice	Desempregado	9 ^o Bairro Munhava	13.02.2015
9	Castilho M. Gudo	Estudante da Universidade Pedagógica – Beira	16 ^o Bairro Vila Massane	19.02.2015
10	Delfina Z. Montinho	Desempregada	13 ^o Bairro Alto da Manga	06.02.2015
11	Edson B. Obodo	Estudante da UniZambeze	9 ^o Bairro Munhava	25.02.2015

12	Edson J. Buzi	Comerciante	9º Bairro Munhava	24.02.2015
13	Elisa Mapotere	Professora	16º Bairro Vila Massane	23.02.2015
14	Esménia Munogarepe	Empregada Doméstica	16º Bairro Vila Massane	25.02.2015
15	Emília M. José	Funcionária do Estado	13º Bairro Alto da Manga	28.01.2015
16	Fátima I. Moiane	Funcionária do Estado	13º Bairro Alto da Manga	30.01.2015
17	Gabriel J. Sandramo	Líder Comunitário	16º Bairro Vila Massane	27.01.2015
18	Hortência N. Nota	Estudante do nível médio	13º Bairro Alto da Manga	11.02.2015
19	Isabel A. Manuel	Empregada doméstica	9º Bairro Munhava	19.02.2015
20	Isaías A. Gomes	Estudante da Universidade Pedagógica	13º bairro Alto da Manga	04.02.2015
21	Jaime D. Manuel	Funcionário do Estado	9º Bairro Munhava	16.02.2015
22	Jamilo G. Malaite	Estudante da UniZambeze	9º Bairro Munhava	25.02.2015
23	Joaquim A. Cadeado	Secretário do 13º bairro Alto da Manga	Sede do 13º Bairro Alto da Manga	18.02.2015
24	João Domingos	Funcionário do CMB	16º Bairro Vila Massane	15.02.2015

25	João Mundica Muchanga	Líder Religioso	9º Bairro Munhava	26.02.2015
26	José D. Manuel	Porta-voz do MDM	Sede da Cidade do MDM (Munhava)	05.03.2015
27	José L. Pengo	Funcionário do CMB	9º Bairro Munhava	02.03.2015
28	Jorge P. Alberto	Comerciante	16º Bairro Vila Massane	25.02.2015
29	Juma Ramos	Chefe da Mobilização: RENAMO	Delegação Política da RENAMO (Munhava)	06.01.2015
30	Laura J. Chimbo	Desempregada	16º Bairro Vila Massane	09.01.2015
31	Lino Massunguine	Secretário-geral do comité da FRELIMO a nível da Beira	Sede DA Cidade do Partido FRELIMO (Munhava)	24.02.2015
32	Luisa A. Rafael	Funcionário do Estado	13º Bairro Alto da Manga	18.02.2015
33	Madalena Nhangá	Desempregada	16º Bairro Vilamassane	13.02.2015
34	Manuel J. Magumisse	Professor	16º Bairro Vila Massane	31.02.2015
35	Manuel L. João	Funcionário do Estado	9º Bairro Munhava	17.02.2015
36	Marcos M. Benhane	Estudante da UniZambeze	9º Bairro Munhava	25.02.2015
37	Massada M. Macoio	Desempregado	9º Bairro Munhava	30.01.2015
38	Mauro M. Torrezão	Funcionário da Vale Moçambique	13º Bairro Alto da Manga	02.03.2015

39	Natália A. Rego	Aluna	13º Bairro Manga	21.01.2015
40	Ndirequererene A. Dança	Professor	13º Bairro Alto da Manga	17.01.2015
41	Paulo F. Guijima	Empresário local	13º Bairro Alto da Manga	26.02.2015
42	Rabia A. Malua	Estudade UniPiaget	16º Bairro Vila Massane	02.02.2015
43	Samuel A. Caera	Desempregado	13º Bairro Alto da Manga	13.01.2015
44	Solene B. Mulandeza	Funcionária do estado	13º Bairro Alto da Manga	05.02.2015
45	Sónia J. Sandramo	Educadora de infância	9º Bairro Munhava	27.01.2015
46	Terezinha S. Morais	Desempregada	9º Bairro Munhava	13.01.2015
47	Titoce Musopaenda	Chefe da Organização e Estatística: RENAMO	Delegação Política da RENAMO (Munhava)	06.01.2015